

ANO XCII - Nº 39 - RIO DE JANEIRO - JUN 2016 / DEZ 2016

ASTRÉIA
REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil



Deus Meumque Vis



Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Lugar Tenente Comendador

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Ministro de Estado

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Maurício Soares, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

José Alves de Alencar, 33º
Grande Chanceler Guarda do Selo

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º †
Brasil

Geraldo de Souza, 33º †
Brasil

Ballo Geay Yacouba, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polônia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Panamá

Henri L. Baranger, 33º
França

José Carlos D. Silva Nogueira, 33º
Portugal

Agostinho Fernandes Garcia, 33º
Portugal

Membros Efetivos

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Adélman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Atyla Quintaes Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco “Bonato” Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes (30/9/2006)

João Antonio Aidar Coelho (26/07/2008)

Maurício Soares, 33º (18/09/2008)

Rui Silvio Stragliotto, 33º (20/06/2009)

Irineu Ramazzotti, 33º (04/09/2012)

Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º (13/11/2012)

Manif Antônio Torres Julio, 33º (23/09/2014)

Antônio Luiz Corrêa, 33º (23/09/2014)

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33º (23/09/2014)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



Revista Astréa

Órgão Oficial do **Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil**

Fundada em 1º de janeiro de 1927, pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Registro 009-R na **Associação Brasileira da Imprensa Maçônica**

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**
Soberano Grande Comendador

Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro, 18º**
OJB 242

Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodrê Lira Brandão, 33º**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho
21051-120 - Rio de Janeiro RJ

Impressão

Cop Gráfica e Editora Ltda.
Rua Baronesa do Engenho Novo, 189
20961-210 - Rio de Janeiro, RJ
grafica@copeditora.com.br

Tiragem desta Edição:
19.000 exemplares

Correspondência

Revista Astréa
Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

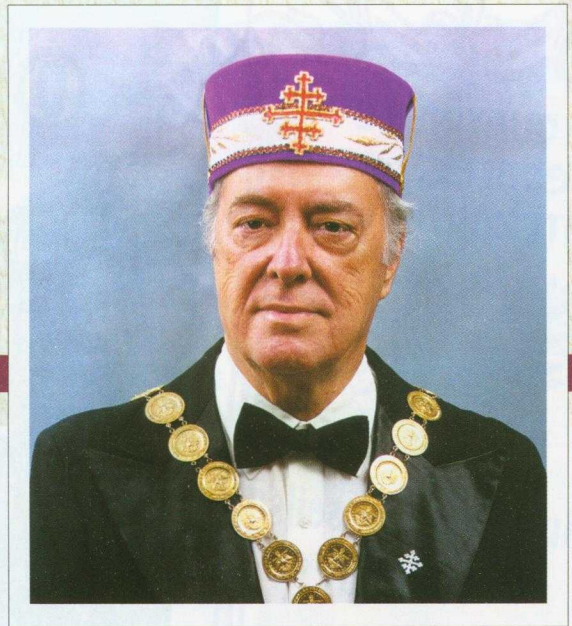
www.sc33.org.br
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

“Não roubar, não deixar roubar,
pôr na cadeia quem rouba.”

Ulysses Guimarães

Rapacidade



Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Meus Valorosos Irmãos

Tormentosos são os dias em que vivemos. Tudo em decorrência da incrível corrupção que assola o nosso amado Brasil.

Não há camada social onde não se impede o desejo de roubar.

Hoje roubam-se milhões. A operação **Lava Jato** o revela.

O Povo, sofrido, elege seus “representantes”, a fim de que, em todas as esferas de Poder, trabalhem em seu benefício.

Sucede o revés; a ânsia de obter riquezas empolga a grande parcela deles, e à rapinagem se entregam. É a **Lava Jato** quem proclama e os periódicos expõem.

O Povo, apalermado, pouco se surpreende, pois, são diárias as denúncias nos jornais. O que fazer?

Bem assumo a minha parcela de culpa, pois, como outros milhões de eleitores, alçamos ao Poder uma parcela de indivíduos, sem sequer os conhecer. São suas promessas; os olhares cândidos; a aparente respeitabilidade que ostentam; os pedidos de parentes ou amigos, enfim, o desejo de nos desobrigarmos do voto obrigatório.

A conta logo se apresenta.

Vemos personagens que pouco possuíam, logo encastelados em suntuosas mansões, trafegando em viaturas luxuosas, frequentando restaurantes de alta classe, bem como outros regalos.

Nomes pomposos são denunciados por diversas fontes, inclusive em **Delações Premiadas**, e os personagens mantidos em seus altos cargos.

Em vários Estados, especialmente no Rio de Janeiro, os cofres públicos estão exauridos. Salários do funcionalismo não são pagos, ou atrasam, levando-os à penúria. Suas contas são pagas com atraso, ou nem são pagas. As Empresas de energia e transmissão, porém, não perdoam e suspendem o provimento.

E os alugueis; a alimentação, o transporte, a educação da prole, os gastos com produtos farmacêuticos, como saldá-los?!

O que fazer?; torno a indagar.

Salvo melhor juízo, creio que a Sociedade deve sair da passividade e enfrentar os meliantes. Dar demonstrações de apoio à **Lava Jato**, impedindo que figuras altamente situadas trabalhem por sua inviabilidade perda ou extinção.

Penso, igualmente, que as Instituições sociais devem incrementar esse movimento.

A Maçonaria, honrando seu ideário de **tornar feliz a Humanidade** precisa lançar-se de corpo e alma a esse intento. É possível que outras nos acompanharão.

O tempo é hoje, agora, já. ▲

O Grande Arquiteto do Universo nos guiará.





O momento decisivo



Paris, 1929

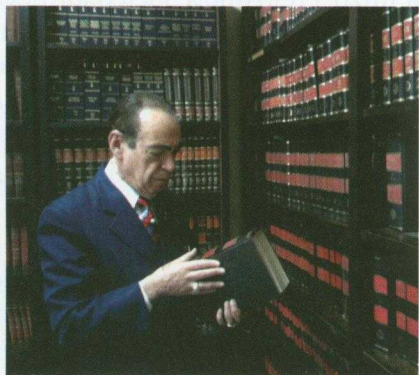
Ir.: Joaquim da Silva Pires, M.:I.:
GOB – São Paulo-SP (*)

Os obrigatórios requisitos de um historiador

Adolescente, eu ainda estava nos albores da vida estudantil, quando fui arrebatado pelo insopitável fascínio da História! Tomando-me pelas mãos, com desmesurada paciência, ela me foi ensinando, gradativamente, que todos os seus verdadeiros adeptos precisam possuir serenidade, ser refratários às análises tendenciosas, ter audácia para contestar exacerbadas paixões, não fazer conjecturas sem as respectivas provas documentais, mesmo que estas revelem fatos decepcionantes, não sonhar com o inexistente galardão de proprietário da verdade, e possuir grandeza para reconsiderar posições que se lhes haviam afigurado irrefragáveis. Para mim, aquelas asserções ultra-

passaram os limites de um acadiano ensinamento, ingressando, profundamente, na esfera de um esfíngico desafio.

Diante do exposto, sentindo-me previamente indulgenciado pelos Respeitáveis Irmãos Leitores, quero ponderar, com a máxima vênia, que ninguém conseguirá fazer um estudo honesto acerca do tema ora em pauta, sem ter em mãos e estudar o precioso, e hoje raríssimo, *Compte Rendu de la Quatrième Conférence Internationale des Suprêmes Conseils du 33° degré du Rite Écossais Ancien Accepté*, conjugado com demais basilares documentos primários. Entendimentos unilaterais, embasados apenas em exegese intuitiva, suscitam justificável descrédito. Quem lhes der guarda permanecerá insulado em campo sáfaro.



(*) O Irm. Joaquim da Silva Pires, M.:I.:, portador da maior láurea concedida pelo *Grande Oriente do Brasil*, a Augusta Comenda da Ordem de D. Pedro I, é Orador Emérito da ARLS *Estrella da Syria* e Membro Honorário da ARLS *Piratininga*, ambas de São Paulo-SP. Historiador maçônico e ritualista, escreveu sete livros e está preparando um oitavo.



As preliminares deliberações da Conferência

Em uma segunda-feira, dia 29 de abril de 1929, na Rua Puteaux, nº 8, em Paris, França, teve início a *Quarta Conferência dos Supremos Conselhos do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito*. Por votação unânime, foi eleito Presidente o Irm.: **René Raymond**, Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho da França*. As demais atribuições diretivas ficaram assim compostas:

O Irm.: **John Cowles** (Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho da Jurisdição Sul dos Estados Unidos da América*) assumiu a Presidência da Comissão de Legislação e Regularidade dos Supremos Conselhos; o Irm.: **Armand Anspach-Puissant** (Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho da Bélgica*) assumiu a Presidência da Comissão Preparatória da Verificação de Poderes; o Irm.: **Albert Junot** (Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho da Suíça*) assumiu a Presidência da Comissão Preparatória da Organização dos Trabalhos, e o Irm.: **Jacques Marechal** (Grande Secretário Geral do *Supremo Conselho da França*) assumiu a Primeira Secretaria dos Trabalhos das Três Comissões.

Vimos que o ano era o de 1929. Ficou decidido que as reuniões fossem realizadas em traje de passeio, porém com a exigência de traje a rigor (*) na terça-feira, 30 de abril, e na sexta-feira, 3 de maio. O uso de insígnias maçônicas ficou restrito à Sessão Solene da manhã de sábado, 4 de maio, data do encerramento.

A enorme expectativa maçônica brasileira

Em nosso País, era enorme a expectativa maçônica sobre o trâmite das deliberações, consideradas decisivas, que iriam ser tomadas naquela Conferência, porque existiam, aqui, dois Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito que se consideravam hegemônicos e que almejavam os majoritários reconheci-

De cima para baixo, Francisco Ge Acayaba de Montezuma, José Bonifácio de Andrada e Silva, Luís Alves de Lima e Silva e Antônio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti

mentos internacionais. A origem desses antagônicos anseios tem um pormenor histórico, que não pode ser omitido nestes comentários.

O *Grande Oriente do Brasil* foi fundado em 17 de junho de 1822 (segundo a data oficial). Coube ao Irm.: **José Bonifácio de Andrada e Silva** ser o primeiro Grão-Mestre. O *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito* foi fundado em 12 de março de 1829 (segundo a data oficial). Seu fundador e seu primeiro Soberano Grande Comendador foi o Irm.: **Francisco Ge Acayaba de Montezuma** (que, em 2 de dezembro de 1854, viria a receber o título de **Visconde de Jequitinhonha**).

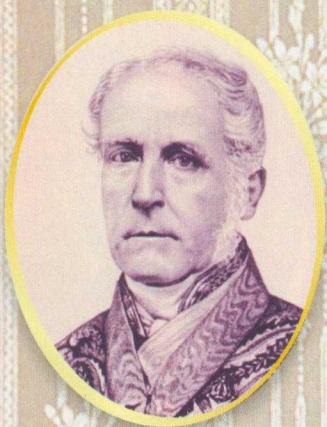
Em 17 de junho de 1849, o Irm.: **Luís Alves de Lima e Silva**, então **Conde de Caxias** (título recebido em 23 de maio de 1845), na condição de Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito*, manifestou interesse em vincular esse Alto Corpo Filosófico ao *Grande Oriente do Brasil*, cujo Grão-Mestre era o Irm.: **Antônio Francisco de Paula e Holanda Cavalcanti** (que, em 14 de março de 1860, viria a receber o título de **Marquês de Albuquerque**).

Essa vinculação concretizou-se em 1854 (em dia e mês que jamais conseguiu descobrir, apesar dos cansativos estudos que fiz em companhia do inesquecível Irm.: **Kurt Prober**, meu preceptor). Naquele ano, o referido Irm.: **Luís Alves de Lima e Silva**, então **Marquês de Caxias** (título recebido em 20 de junho de

(*) Os Respeitáveis Irmãos Leitores sabem muito bem, de sobejo, que, apesar da enganosa aparência, a expressão "traje a rigor" não leva crase.



De cima para baixo, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Thomaz Cavalcanti de Albuquerque, Mário Marinho de Carvalho Behring e Octávio Kelly



1852, mas viria a ser o único Duque brasileiro, em 23 de março de 1869), continuava a ser o Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito*. O Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil* era o Irm. : **Miguel Calmon Du Pin e Almeida**, então **Visconde de Abrantes** (título recebido em 18 de junho de 1841, mas viria a ser Marquês em 3 de dezembro de 1854).

Até então, o *Grande Oriente do Brasil* possuía um *Grande Colégio dos Ritos*, instalado em 18 de dezembro de 1837 (sob inspiração do *Grand Collège des Rites*, fundado em 19 de maio de 1826, pertencente ao *Grand Orient de France*), que cuidava dos denominados graus filosóficos, também do Rito Escocês Antigo e Aceito, sem ser um Supremo Conselho.

Em 25 de abril de 1921, o Irm. : **Mário Marinho de Carvalho Behring**, ao ser eleito Grão-Mestre Adjunto do *Grande Oriente do Brasil* (pois o Irm. : **Luiz Soares Horta Barbosa**, seu antecessor, falecera em 21 de janeiro daquele ano, dando origem à eleição para o preenchimento do cargo), não aceitou o título automático de Lugar-Tenente Comendador do *Supremo Conselho*. Exigiu que, para isso, houvesse eleição dentro do próprio Alto Corpo Filosófico, ocorrida em 1º de agosto do referido ano, e na qual obteve inteiro êxito. Dessa maneira, passou a ser Grão-Mestre Adjunto, por eleição efetuada no *Grande Oriente do Brasil*, e Lugar-Tenente Comendador, por eleição efetuada no *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito*.

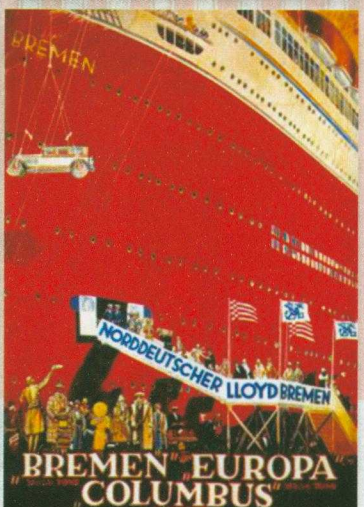
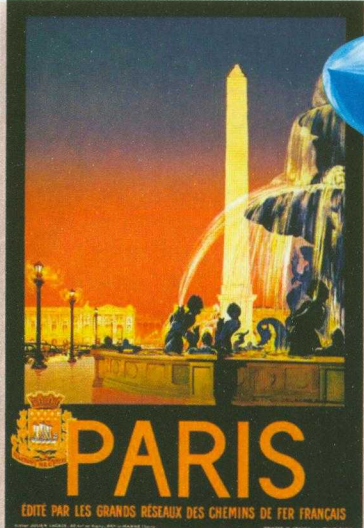
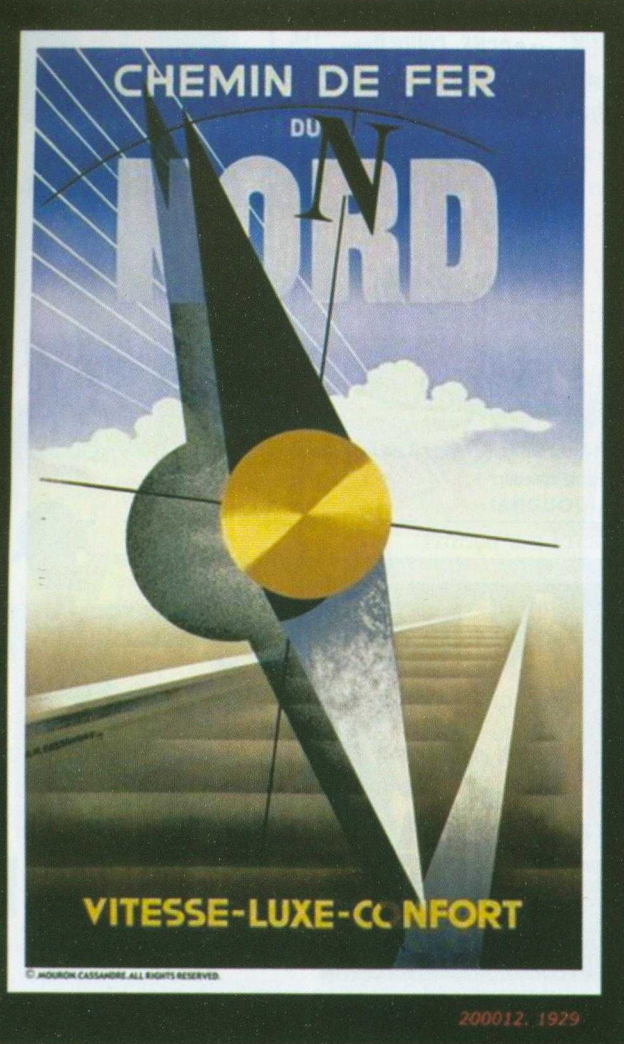
O citado prócer argumentava que só aquele Alto Corpo Filosófico possuía o direito de escolher sua própria Administração, sem quaisquer auto-

matismos, porque poderia ocorrer que um Grão-Mestre, ainda que possuísse o Terceiro Grau, e ainda que pertencesse a outro Rito, fosse automaticamente, Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito*. Essa diretriz era aplicável, na mesma forma, ao Grão-Mestre Adjunto, que passava a ser o Lugar-Tenente Comendador, automaticamente. Já vimos que o Irm. : **Mário Marinho de Carvalho Behring** não aceitou o automatismo que lhe concedia o título de Lugar-Tenente Comendador daquele Alto Corpo só pelo fato de ser o Grão-Mestre Adjunto do *Grande Oriente do Brasil*. Ele postulou e recebeu o título por meio de eleição realizada no *Supremo Conselho*. Esta oportunidade repetição minha é um recurso didático, e não o cometimento de peripetologia.

Em 9 de junho de 1922, o Irm. : **Thomaz Cavalcanti de Albuquerque**, que era o Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil*, renunciou ao Grão-Mestrado (perdendo, pois, o automático título de Soberano Grande Comendador do *Supremo Conselho*), quando ainda faltavam dezesseis (16) dias para o término de seu mandato. Assumiu, interinamente, o Adjunto, ou seja, o Irm. : **Mário Marinho de Carvalho Behring**, que, mantendo sua coerência, não aceitou o referido automático título de Soberano Grande Comendador. Ele exigiu ser eleito pelo *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito*, e, mais uma vez, alcançou seu escopo. Foi naquele mesmo dia 9 de junho de 1922. Registre-se que, ainda na vigência da interinidade, ele já havia sido eleito Grão-Mestre do *Grande Oriente do Brasil*, por meio de plebiscito que se havia realizado entre 1º (primeiro) e 8 de fevereiro de 1922, por um período de quatro (4) anos, o qual se iniciou em 28 de junho daquele ano.

Em 17 de junho de 1927, em um salão profano, pertencente ao *Centro Galego*, situado na Rua da Quitanda, nº 32, 1º andar, Rio de Janeiro,





LINCOLN
SAINT-DIDIER



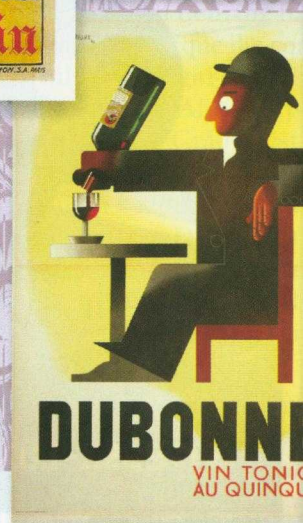
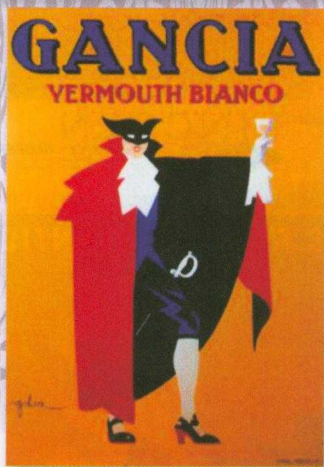
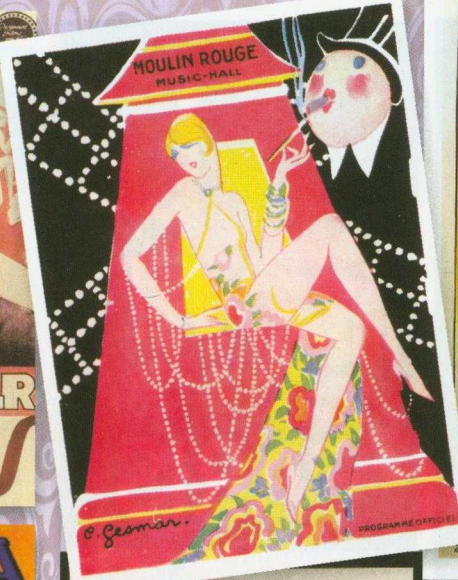
o, o focalizado líder, quando não era mais o Grão-Mestre Geral, mas continuava a ser o Soberano Grande Comendador (continuidade que contrariava vozes divergentes), desvinculou, do Grande Oriente do Brasil, o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito, fazendo com que o Alto Corpo Filosófico retornasse à sua congênita independência. Diante disso, o Irm.: **Octávio Kelly**, então Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente do Brasil, porém no exercício do Grão-Mestrado Geral, formou outro Supremo Conselho, em 1º de agosto de 1927, após as frustradas tentativas de 18, 21 e 26 de junho daquele ano.

Foram esses os dois Supremos Conselhos brasileiros que pretendiam os majoritários reconhecimentos internacionais diante da mencionada Conferência. Em comentário supletório, agora elaborado, é neces-

sário mencionar a existência do Supremo Conselho do Rio Grande do Sul, fundado pelo Irm.: **Antônio Antunes Ribas**, em 14 de outubro de 1893, mas esse Alto Corpo não disputava posição hegemônica e não possui qualquer liame com os acontecimentos de Paris. Também, existiram o Supremo Conselho do denominado Grande Oriente do Passeio, fundado em 12 de janeiro de 1847 pelo Irm.: **Manuel Alves Branco** (que viria a ser o 2º Marquês de Caravelas em 1854), e o Supremo Conselho do denominado Grande Oriente dos Beneditinos, fundado em 16 de dezembro de 1863 pelo Irm.: **Joaquim Saldanha Marinho**. Estes dois últimos citados Supremos Conselhos já haviam sido incorporados ao Supremo Conselho do Grande Oriente do Brasil em 1864 e em 1883, respectivamente.

Em 1929, a França ainda era a grande fonte da cultura do Maçom brasileiro. Os três primeiros Ritos aqui chegados eram franceses. O Grande Oriente do Brasil nasceu sob inspiração do Grande Oriente de França. Para a elite da sociedade, falar francês era, como se dizia, de rigueur. Ia-se à Europa em grande estilo. Transatlânticos e trens de luxo eram o grande sonho motivado por cartazes art nouveau. Os de espírito mais aventureiro em apenas três dias chegavam à Europa nos dirigíveis do Conde Zeppelin, então com serviço regular entre o Rio de Janeiro e Berlim.





O transcorrer e as decisões da Conferência

Ao todo, compareceram vinte e oito (28) *Supremos Conselhos*. Os de Portugal, da Espanha e do Brasil enfrentaram problemas diante da Comissão de Verificação de Poderes, presidida pelo Irm.: **John Cowles**. Quanto ao problema português, o Irm.: **Augusto Pereira de Castro** foi reconhecido o Soberano Grande Comendador, em detrimento do Irm.: **Gomes da Costa**. Não ficou especificada a dimensão da polêmica nem o embasamento da decisão. No que se refere à Espanha, o Irm.: **José Bárcia**, Soberano Grande Comendador, contestou, vitoriosamente, a acusação formulada pelo Irm.: **Douchan Militchevitch**, Lugar-Tenente Comendador do então Supremo Conselho da Iugoslávia e representante do *Supremo Conselho do Egito*, acusação essa no sentido de que o *Supremo Conselho*

da Espanha estaria subordinado ao *Grande Oriente Espanhol*.

Os representantes dos Estados Unidos foram recepcionados normalmente, com dois *Supremos Conselhos*, ambos considerados regulares, por razões de natureza histórica, que considero discutíveis. O da *Jurisdição Sul*, vanguardeiro, fundado em 31 de maio de 1801, era presidido pelo Soberano Irm.: **Leon Abbot**. O da *Jurisdição Norte*, fundado em 5 de agosto de 1813, era presidido pelo Soberano Irm.: **John Cowles**, que estou a citar mais uma vez. Não é permitida outra duplicidade, em relação aos demais *Supremos Conselhos* de todo o mundo. Se, realmente, as razões são de natureza histórica, penso que o privilégio deveria ser estendido à França, pois seu *Supremo Conselho*, fundado em 22 de setembro de 1804, é anterior ao da *Jurisdição Norte* dos Estados Unidos, cuja data de fundação vimos linhas atrás (5 de agosto de 1813).

E a divergência pertinente ao Brasil. De que modo foi resolvida?

Vejamos:

Os Irm.: **Mário Marinho de Carvalho Behring** e **Octávio Kelly** compareceram. O *Supremo Conselho* presidido pelo primeiro representado pelos Irm.: **João Moreira Sampaio**, **Hugo Maria Ferreira** e **Esculápio César de Souza**. O *Supremo Conselho* presidido pelo segundo foi representado pelo Irm.: **Lourival Jorge Mazarin Souto**, **Hyppólito Hermes de Almeida concelos** e **José Maria Monteiro Guimarães**. Quando estes últimos chegaram ao local da Conferência na data da abertura (vimos que foi em 29 de abril de 1929), os primeiros já se encontravam lá, e até as credenciais haviam sido apreendidas.

O Irm.: **René Raymond** (o representante da Conferência, conforme foi esclarecido) recusou-se a ouvir explicações do Irm.: **José M**





Paris, disse Hemingway, "era uma festa". O crash da bolsa de Nova York só ocorreria em outubro. Vivia-se les années folles, o final dos roaring twenties. E, para a Maçonaria Brasileira, uma decisão em Paris afetaria para sempre os destinos dos Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Moreira Guimarães e a examinar os documentos que portava, de modo que ele e os outros dois representantes do Supremo Conselho vinculado ao Grande Oriente do Brasil não puderam ingressar no recinto. Logicamente, não puderam participar das sessões e não puderam apresentar seus argumentos aos congressistas. Por votação unânime a Comissão de Verificação de Poderes considerou regular, no Brasil, unicamente, o Supremo

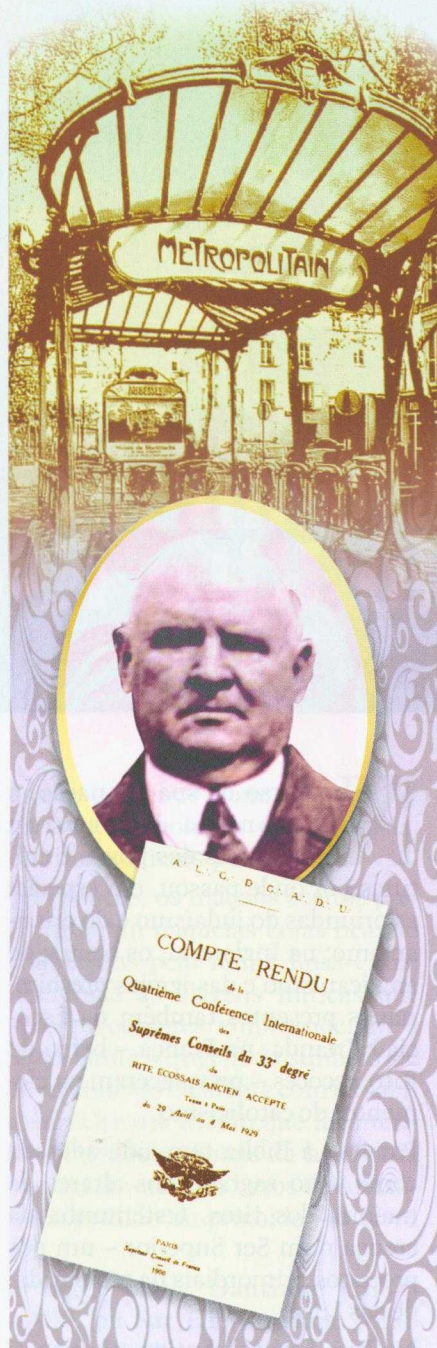
Conselho presidido pelo Irm.: **Mário Marinho de Carvalho Behring**.

No dia seguinte (30 de abril de 1929), os três inconformados representantes do Supremo Conselho vinculado ao Grande Oriente do Brasil enviaram um Protesto à Conferência, sem acolhida. O assunto foi apenas mencionado na penúltima sessão (3 de maio de 1929). O Irm.: **René Raymond** (vimos que ele era o Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho da França e o Presidente da Conferência) leu duas cartas da Delegação do Supremo Conselho vinculado ao Grande Oriente do Brasil. Não consta se reinou silêncio ou se o assunto foi debatido. Só consta que, em seguida, teve início a Ordem do Dia.

A focalizada Conferência teve projeção sobre a Maçonaria brasileira, porque, em 13 de maio de 1951, vinte e dois anos e nove dias após seu término (vimos que foi em 4 de maio de 1929), o Grande Oriente do Brasil, dando implícita razão ao Irm.: **Mário Marinho de Carvalho Behring** (que falecera em 14 de junho de 1933), desvinculou-se de seu Supremo Conselho. No entanto, a separação contábil-financeira só viria a ocorrer em 15 de junho de 1963.

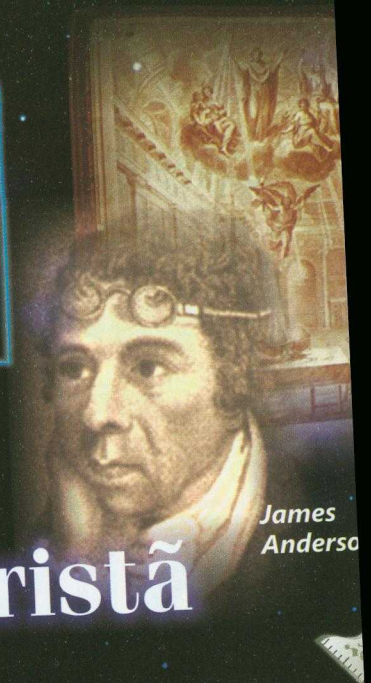
Essas providências, por extemporâneas (porque deveriam ter sido tomadas em 1927/1929), não impediram que o atualmente denominado Supremo Conselho do Grau 33 do R.: E.: A.: A.: para a República Federativa do Brasil, sediado na Rua Barão, Praça Seca, Jacarepaguá, Rio de Janeiro-RJ, continuasse a ser o único, em nossa Pátria, que possui os majoritários reconhecimentos internacionais.

Não se trata de uma simples opinião minha. Trata-se de uma comprovada verdade! Creio que seja essa a mais importante decorrência projetada pela Quatrième Conférence Internationale des Suprêmes Conseils du 33° degré du Rite Écossais Ancien Accepté sobre a Maçonaria brasileira! ▲



Abaixo do retrato de John Cowles está o fac simile de Compte Rendu de la Quatrième Conférence Internationale des Suprêmes Conseils du 33° degré du Rite Écossais Ancien Accepté. Somente por este raríssimo documento é possível entender questões ainda controversas que grassam ainda hoje.





James Anderson

A dimensão judaico-cristã do Rito Escocês

Ir.: José Maurício Guimarães, 33º

No curso de sua formação, a Maçonaria incorporou influências dos povos e culturas por onde passou, em especial as oriundas do judaísmo e do cristianismo: na Inglaterra, os efeitos do anglicanismo e das igrejas presbiterianas presentes também na Escócia e Irlanda; na França – berço do Rito Escocês – prevaleceram os elementos do catolicismo.

Por isso a Bíblia tem sido adotada como livro sagrado nos altares da maioria dos ritos, testemunha da crença num Ser Superior – um dos preceitos primordiais da regularidade das Lojas.

No Rito Escocês Antigo e Aceito as dimensões bíblicas da religiosidade judaico-cristã são mais evidentes: principiam no *Genesis* indo até o Templo de **Salomão** – *Reis I* (Graus Simbólicos e Loja de Perfeição), passando por **Zorobabel** – Livro de *Esdras*, e desse ponto à figura de **Jesus** no Capítulo Rosa-Cruz. Dispostos em diferentes configurações, esses elementos aparecem também noutros ritos.

Na formação da *Grande Loja da Inglaterra*, por exemplo, **James Anderson**, que era ministro da Igreja da Escócia e pastor presbiteriano,

não hesitou iniciar o texto das *Constituições* (1723) com uma extensa narrativa sobre os personagens bíblicos, desde **Adão** até **Salomão**. Mesmo filósofos e cientistas, como **Robert Moray**, **Elias Ashmole** e **Robert Boyle**, todos da *Royal Society*, marcaram os limites da Maçonaria nos cânones bíblicos, cogitando sobre o desenvolvimento do potencial humano sem a perda dos valores das coisas sagradas.

Na América, também **Albert Mackey** (1807–1881) adotou o princípio da imutabilidade dos *landmarks* ("nolumus leges mutari") do Livro dos *Provérbios* (22:28):

– "Não removas os antigos limites que teus pais estabeleceram".

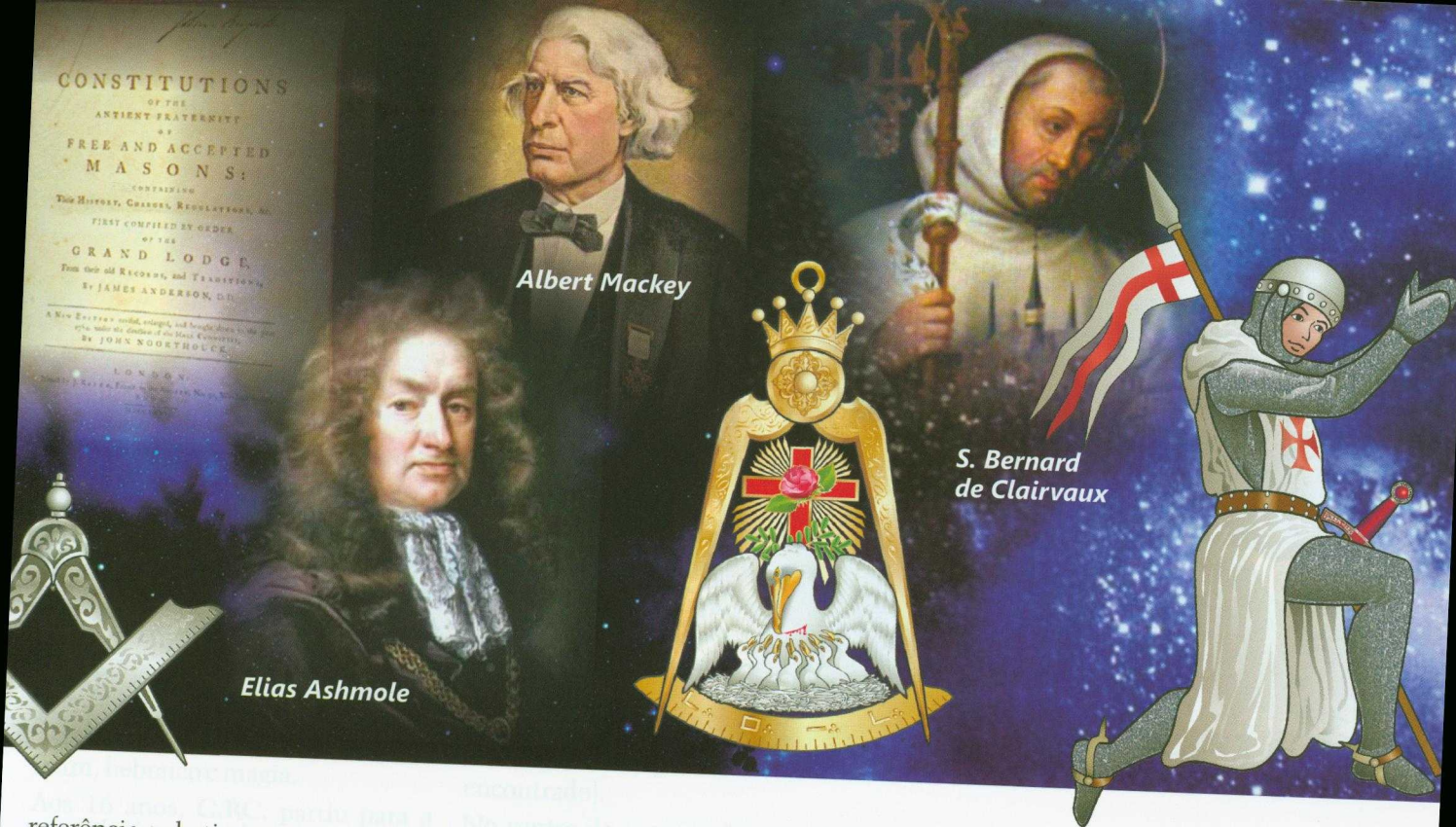
No R.:E.:A.:A.:, os elementos de ligação entre os *Antigo* e *Novo Testamentos* aparecem na história de **Zorobabel**, chefe da tribo de **Judá** que comandou o retorno dos judeus cativos na Babilônia para reconstruir o Templo de **Salomão**. Na luta contra os samaritanos, os pedreiros de **Zorobabel** tomaram armas numa das mãos e a colher de pedreiro na outra – origem dos símbolos da espada e da trolha entre os maçons: construir e aplainar a argamassa da fraternidade humana e

defende-la de seus inimigos.

Os Graus do R.:E.:A.:A.: se estruturam em Corpos cujas narrativas correspondem às quarenta e duas gerações da genealogia de **Jesus**, filho de **Davi**, filho de **Abraão** – considerado o **Messias** entre os cristãos – descritas em três grandes blocos nos *Evangelhos* de **Mateus** e **Lucas**: catorze gerações de **Abraão** até **Davi**; catorze gerações de **Davi** até o exílio na Babilônia (primeira diáspora) e catorze gerações do exílio na Babilônia até **José**, marido de **Maria**, da qual nasceu **Jesus**, denominado o **Cristo**, chamado o **Leão da tribo de Judá**, a raiz de **Davi** (*Apocalipse* 5:5).

O painel e o símbolo Rosa-Cruz da Maçonaria mostram um pelican com seus filhotes, rasgando o peito com o bico – alusão ao homem **Jesus** que se deixou dilacerar para que seu sangue alimentasse espiritualmente a humanidade. Abaixo dessa figura estão as iniciais **I.N.R.I.**, *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* (**Jesus Nazareno Rei dos Judeus**), expressão com que **Pilatos** pretendeu debachar dos judeus e que, mais tarde, os alquimistas interpretaram como *Ignis Natura Renovatur Integra* (**Fogo Renova Toda a Natureza**)





Albert Mackey

S. Bernard de Clairvaux

Elias Ashmole

referência ao batismo cristão, anunciado por **João** no *Evangelho de Mateus* 3:11:

– *Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu e Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.*

No *Areópago* (Conselho Kadosh) prossegue a tradição posterior à segunda diáspora (70 d.C) com a história da *Ordem* religiosa e militar de cavalaria dos *Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão* (os *Templários*) instituída por **São Bernard de Clairvaux** (1090-1153), e cujo lema, extraído do *Salmo* 115, proclamava: *Non nobis Domine, non nobis, sed Nomini Tuo ad Gloriam* (Não para nós, Senhor, não para nós, mas pela Glória de Teu Nome).

Origens da Rosa-Cruz na Maçonaria

A sensação de frustração e esterilidade que alguns Maçons supõem haver nos estudos além do Grau de Mestre deve-se à falta de aprofundado conhecimento da História ou à visão deturpada da formação da cultura ocidental. Os Altos Graus

do Rito Escocês pressupõem o entendimento de que a cristianização do Império Romano aconteceu num período em que o Ocidente estava na defensiva. Isso motivou a ideia *cristã* de guerra *sob os favores de Deus* e o recurso à violência, cujo principal defensor foi **Santo Agostinho** (354-430), influenciando o pensamento político e econômico da Idade Média e posteriores guerras de conquista.

No início das Cruzadas (1095), a Igreja propôs aos combatentes um programa destinado a torná-los *soldados de Cristo* com a missão de preservar a paz, manejando a trolha com a mão direita e mantendo em guarda a espada – ecos do Templo de **Zorobabel**, quando ouviram do Aterzata⁽¹⁾:

– *Vinde e reedifiquemos os muros de Jerusalém, e não sejamos mais uma vergonha diante dos nossos inimigos* (*Neemias* 2:17).

Dessa tradição, a Maçonaria adotou o ideal cavaleiresco – força, ciência e conhecimento aliados à fé e à defesa do Direito, mesmo que pelo uso das armas se necessário fosse.

No século XVII as Lojas operativas, especialmente na Escócia, passaram a iniciar maçons especulativos,

os não-pedreiros chamados *aceitos*, na maioria homens da burguesia, escritores e livres-pensadores.

Aos poucos, os maçons *aceitos* predominaram naquelas Lojas ficando conhecidos pelo nome *Rosa-Cruz*, referência às viagens míticas que seus precursores empreenderam à Terra Santa – origem do símbolo – e do contato do Ocidente com os sábios do Oriente Médio que lhes teriam revelado a ciência da harmonia universal – um dos livros de **Aristóteles** perdido ou proibido – o *Livro M*.

O belga **Émile Dantinne** (1884-1969), ou **Sar Hieronymus**, como ficou conhecido, descreve as origens da Rosa-Cruz nos países do Leste, de onde os *Templários* trouxeram planos para uma reforma universal. As bases desse movimento seriam necessariamente *cristãs*, pois os primeiros *rosa-cruzes* também empreenderam uma viagem ao Santo Sepulcro (túmulo de **Jesus**).

O intercâmbio entre pedreiros de profissão e os primeiros especulativos forneceu, por um lado, os canteiros de obra – locais indevassáveis para reuniões secretas; por outro, as discussões sobre o renascimento das Artes Liberais da Idade Média



יהודה

Allgemeine und General
REFORMATION,
der gantzen weiten Welt.

Sinckten der
FAMA FRA-
TERNITATIS,

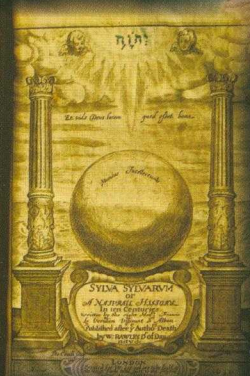
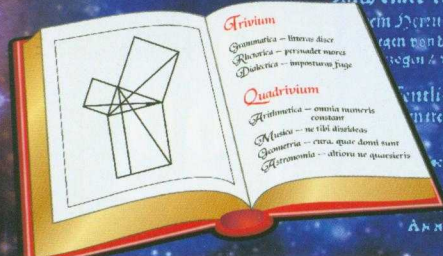
Desz löblichen Ordens des
Rosentrenckes / an alle Gesehret
und Häupter Europæ geschrie-
ben:

Auch einer kurzen RESPONSION,
ein Herrn Nachtreter angefallen, welcher
sagen von den Templern ist angefangen zu
begin 4 und auf eine Gallerei ge-
nommen.
In welchem in Druck verfertigt /
in welchem Hertzog communiciret
worden.

Wird durch Wilhelm Bessell
ANNO M. DC. XIV.

Christian Rosenkreutz

Francis Bacon



ganharam força: o *Trivium* (Lógica, Gramática e Retórica com o objetivo de desenvolver as expressões da linguagem) e o *Quadrivium* (Aritmética, Música, Geometria e Astronomia) passaram a integrar o acervo de conhecimentos dos operativos. Foi nesse ambiente que se estabeleceu a identidade de relação entre os símbolos da rosa e da cruz com o compasso e o esquadro – mesmas representações para a dualidade espírito e matéria.

Christian Rosencreutz

Desde o Século XVI pesava sobre os libertários a injusta sentença de morte sobre o último Grão-Mestre dos Templários, **Jacques de Molay**, assim como o desaparecimento daquela Ordem e o confisco de seus bens. Afirmava-se que dois grupos de Templários teriam escapado da perseguição, indo um deles refugiar-se na Escócia – dando origem à Maçonaria dos Antigos – enquanto o outro fora para Portugal, onde promoveram a criação da Escola de Sagres após o regresso de Ceuta do Infante **D. Henrique**, em 1418.

Em ambos os casos, o movimento Rosa-Cruz mantinha-se amalgamado e velado no pensamento europeu

até que foi publicamente anunciado na França, onde teve seu maior impacto.

Numa manhã do outono de 1623, Paris foi surpreendida por cartazes anunciando uma enigmática irmandade. A tribuna escolhida não poderia ser melhor: a Pont Neuf, construída sobre o local onde, três séculos antes, **Jacques de Molay** fora queimado. Não houve quem não tomasse conhecimento dos anúncios:

Nós, deputados do Colégio Principal dos Irmãos da Rosa-Cruz, estamos, visíveis e invisíveis, sediados nesta cidade pela graça do Altíssimo, para o qual se voltam os corações dos justos. Ensinamos e demonstramos sem a necessidade de livros, falamos toda espécie de linguagem do país onde estamos, com o objetivo de tirar os homens, nossos semelhantes, do erro e da morte.

Seguiram-se três publicações, na forma de manifestos, traduções de edições em alemão: *Notícia da Fraternidade da Rosa e da Cruz ou Irmandade da Ordem dos Rosacruzes*, o *Confessio Fraternitatis* e as *Bodas Alquímicas de Christian Rosencreutz*.

Esses manifestos usavam uma lin-

guagem especial para veicular um conhecimento acessível apenas a iniciados. Uma análise elementar revela as seguintes "chaves" para os textos:

- A lenda egípcia da peregrinação de **Ísis** e a ressurreição de **Osíris**;
- Elementos da Arte Real relativo morte e reencontro de um mestre;
- O arquétipo da viagem representado nas *circum-ambulações iniciáticas* (2);
- O arquétipo do casamento sagrado (hierosgamos) entre a cruz e a rosa (ou o esquadro e o compasso, a maria e espírito);
- Princípios da restauração do cristianismo original pregados pela Reforma protestante;
- O encontro do Ocidente com o conhecimento oriental;
- Reminiscências da *Ordem do Templo* e o assassinato do último Grão-Mestre, **Jacques de Molay**.

Muitos pesquisadores atribuem a autoria dos manifestos rosa-cruz a **Francis Bacon**. Embora não possa ser comprovada, essa hipótese é a mais plausível de todas. Bacon viveu algum tempo na França e teria estudado as tradições trazidas do Oriente pelas cruzadas. Na Ing



terra, estudou com reformistas influenciados pelos conhecimentos do Oriente. De forma análoga aos objetivos traçados nos manifestos da Rosa-Cruz, **Francis Bacon** descreveu métodos para se alcançar o verdadeiro saber e verificação das falsas noções (*ídola*) arraigadas na mente a impedir o progresso da ciência. No ano de sua morte, fez um paralelo entre o Estado ideal e a Casa de **Salomão** descrita em seu livro inacabado *Nova Atlântida*, similar à propaganda Rosa-Cruz de Paris.

O texto de *Fama Fraternitatis Rosae Crucis* narra a história do "mais divino e altamente iluminado, Irmão **Christian Rosencreutz** (**C.RC.**), chefe e fundador da Fraternidade, nascido em 1378 e que, aos seis anos de idade, foi enviado para uma abadia onde aprendeu grego, latim, hebraico e magia.

Aos 16 anos, **C.RC.** partiu para a Terra Santa, visitou o Santo Sepulcro e depois foi para Damasco, onde os sábios que lhe confiaram a missão de comunicar certos mistérios à cristandade e fundar uma sociedade secreta. **Christian Rosencreutz** foi sucessivamente conduzido a uma "cidade filosófica", onde passou três anos (importante alusão iniciática). Percorreu também o Líbano, a Síria, Egito, Damcar e Fez (cidade do Marrocos).

Rosencreutz cumpriu cinco anos de retiro (outra alusão numérica iniciática) num local solitário e regressou à Europa onde recrutou seguidores. Designou a sede da irmandade como *Domus Sancti Spiriti* (Casa do Espírito Santo) onde curavam os doentes e consolavam os desesperados.

Vários outros indícios dessa narrativa se ajustam à dramática história da *Ordem do Templo*: o Irmão **C.RC.** morreu na Inglaterra aos 106 anos, portanto, em 1484 se considerada a data de seu "nascimento" em 1378. Mais tarde – em 1604, vésperas da publicação dos manifestos, seu sucessor, o **Imperador N.N.** (3), descobriu o túmulo de **C.RC.** em uma edificação de sete lados (alusão numérica iniciática) iluminada por

lâmpadas inextinguíveis. No portal da tumba lia-se a divisa cristã da fraternidade: *Ex Deo nascimur, in Jesu morimur, per spiritum reviviscimus* (em Deus nascemos, em Jesus morremos e ressuscitamos pelo Espírito) o que faz da Rosa-Cruz um movimento essencialmente cristão, tal como se apresenta no Capítulo Rosa-Cruz do Rito Escocês Antigo e Aceito, com as implicações das palavras **CHRISTOS** = unguido, o Messias Filho de Deus e **CHRESTOS** = virtuoso e bom.

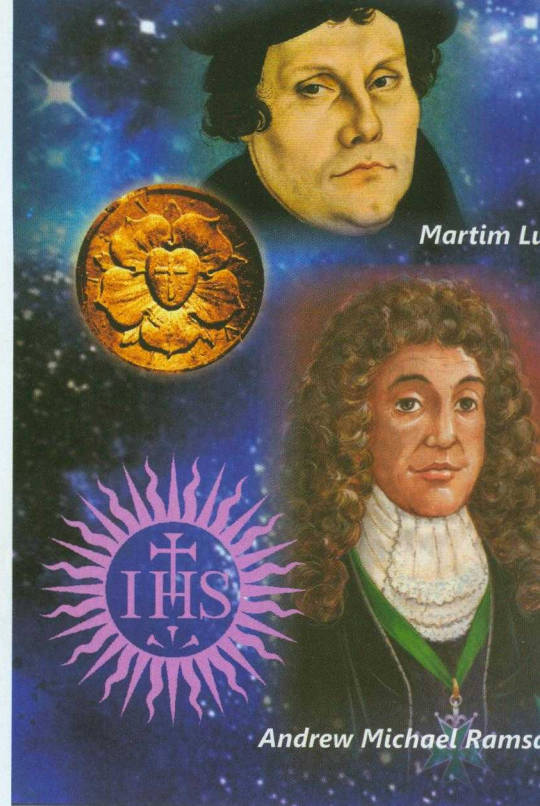
O símbolo do túmulo aberto, bem conhecido dos modernos Maçons, representa a ressurreição do pensamento e a imortalidade mediante a contemplação da verdade.

Na parede que obstruía a entrada da cripta estava escrito: "post 120 annos patebo" (após 120 anos serei encontrado).

No centro da construção, um altar cilíndrico com a inscrição: *A C.RC. hoc Universi compendium unius mihi sepulcrum feci* (fiz este túmulo para **Christian Rosencreutz**, compêndio único do Universo). Em volta de um primeiro círculo, lia-se: "Jesus mihi omnia" (Jesus é tudo para mim); no círculo do meio, as inscrições:

Nequaquam Vaccum (em parte alguma o vácuo); *Legis Jugum* (o jugo da lei); *Libertas Evangelii* (a liberdade do Evangelho) e *Dei Gloria Intacta* (a Glória de Deus é intactável) – expressões cristãs, Templárias e de predileção reformista. (**Martin Lutero** sugeriu como distintivo da Reforma uma rosa de cinco pétalas com uma cruz no centro, emblema posteriormente adotado pelos pietistas por inspiração de **Jacob Boehme** e **Sebastian Franck**).

No centro da edificação repousava o "corpo" preservado de **C.RC.** tendo na mão direita o *Liber T* (Livro T); nas laterais uma Bíblia, um vocabulário, um itinerário de viagem e sua biografia. A letra T, ou tau grego, representa a luz da mente. Corresponde à última letra do alfabeto hebraico (taw) mencionada pelo profeta **Ezequiel** (*Capítulo IX: 4*):



Martin Lu

Andrew Michael Ramsay

– *Passa pelo centro de Jerusalém e marca com um T as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa das abominações que se cometem.*

Implicações maçônicas desta simbologia se completam no capítulo VII do livro de **Amós**:

– *Disse o Senhor: 'Eis que vou passar um fio de prumo no meio do meu povo e não tornarei a perdô-lo' – texto aplicável à situação da Europa onde os oprimidos aguardavam o alívio pelo triplo tau do conhecimento e pelo inexorável fio de prumo.*

A política europeia

Depois que os **Stuarts** foram exilados na França, **Andrew Michael Ramsay** (1686-1743) proferiu uma instrução aos Maçons afirmando que a Maçonaria seria a sucessora das antigas tradições do tempo das guerras santas *quando cavaleiros estiveram na Terra Santa e, ao retornarem, trouxeram os segredos para a sede da ciência arcana*. Tais reminiscências levaram aqueles maçons a reclamarem supostos direitos dos antigos operativos.

Ramsay havia se convertido ao catolicismo e mantinha, na França,



von Hund

Willermoz

11 January - 28 May 2010 Exhibition admission free
10.00 - 17.00, Monday to Friday, closed at weekends

Freemasons & the Royal Soc

THE LIBRARY
AND MUSEUM
OF THE
FREEMASONRY



Jacques De Molay

estreita relação de amizade com os jesuítas. Dessa proximidade, a Maçonaria atraiu simpatizantes para a causa da Contrarreforma que incluía, desde o Concílio de Trento, a catequização dogmática cujos principais agentes foram os padres da *Companhia de Jesus*, ordem fundada pelo basco Íñigo López (Inácio de Loyola).

Além das intenções políticas na França, os jesuítas queriam submeter os ingleses à autoridade do Vaticano com o apoio dos **Stuarts** e, obviamente, mediante a *doutrinação escocesa* do Cavaleiro **Ramsay**. A sagacidade dos que se aproveitaram dos rosa-cruzes incentivou **Charles Edward Louis Stuart** (*Charles Edward Stuart*), pretendente aos tronos da Inglaterra, Escócia, França e Irlanda, a liderar fracassadas revoltas militares e a insurreição jacobita.

Dentre outras contribuições para a estruturação dos ritos cristãos destacam-se, mais tarde, os Maçons **Martinez de Pasqually** (1727-1774), **Louis Claude de Saint Martin** (1743-1803) e **Jean Baptiste Willermoz** (1730-1824) com a vertente do *Martinismo*, uma espécie de "nova Maçonaria" de Sacerdo-

tes Eleitos e a prática de uma "ritualística transcendente" de pureza espiritual e reintegração com as leis do Criador.

A vertente *Martinista* nunca aderiu aos conteúdos dos graus que identificam a lenda do Templo de **Salomão** com a tragédia dos Templários, investindo o recipiendário no papel simbólico de vingador de **Jacques De Molay**. **Willermoz**, que foi Grão-Mestre da *Grande Loja de Lyon*, reprovou esses graus dizendo que a **Santa Vehme** e a câmara Vermelha - onde **Frederico II**, Rei da Prússia, teria dirigido trabalhos representativos dos graus "de vingança" - deveriam ser substituídos pelos princípios cristãos do perdão e do amor - a "via do coração" - com ênfase na formação dos verdadeiros soldados leais ao ensinamento de **Cristo**:

- Embainhai vossa espada, pois todos os que lançarem mão da espada, morrerão pela espada (Mateus 26:52).

Conclusão

A **Rosa-Cruz** maçônica é uma luz para os dias atuais em que predominam os horrores do ódio racial e

político, o fanatismo e a superstição religiosa. Chegamos ao Século XXI revivendo tempos nefastos causados pela dissociação entre o conhecimento e a religiosidade natural do homem.

A Maçonaria não é uma religião. Mas desde que inserida no processo civilizatório da humanidade, ela não pode desconhecer os aspectos da religiosidade que conduziram ao pensamento humano até os dias atuais.

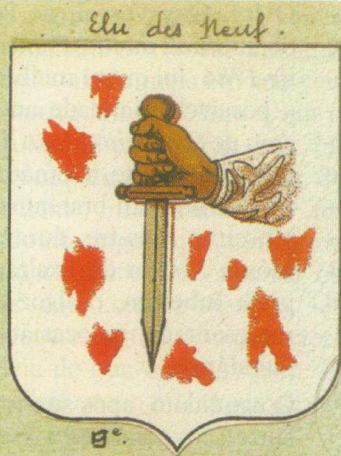
A **Rosa-Cruz** na Maçonaria nos lembra o compromisso e nossos juramentos de promover o adiantamento humano sem perdermos de vista o valor das coisas sagradas. ▲

Notas

(1) Grafia correta da palavra de origem persa (em inglês *athersada*), título dado pelo rei da Pérsia ao governador da Judéia.

(2) A palavra *circumambulation*, em inglês, movimentação em torno de um objeto sagrado ou templo.

(3) **Imperator N.N.** ou **Nomen Nominandum**, nebuloso, noite e nevoeiro (*Nacht und Nebel*), um líder **Rosa-Cruz** anônimo ou ignorado.



O painel do Grau 9º do REAA alude à temática de vingança do grau e justifica a expressão "Maçonaria da punhalada".



Ilustração do Ir.: João Guilherme, 1ª edição de O Livro dos Dias

Crítica do Grau de Cavaleiro Eleito dos Nove

Ir.: Pablo Guedes, 14º

Membro da Loja de Perfeição Imperador Pedro I
Master Craftsman do Supremo Conselho do Grau 33
do REAA para a Jurisdição Sul dos E.U.A

1. A Conexão entre a Maçonaria e os Templários

Em 1738, Michael Andrew Ramsay, então Orador da Grande Loja de França, publicou⁽¹⁾ o seu famoso Discurso em que advogava pela filiação entre a Maçonaria e a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo, os Templários, conforme compreende-se da passagem reproduzida por José Castellani:

"No tempo das cruzadas, na Palestina, muitos Príncipes, Senhores e Cidadãos associaram-se e fizeram voto de restabelecer os Templos dos Cristãos na Terra Santa e fazer sua arquitetura voltar ao que foi primitivamente insti-tuído. Eles escolheram muitos an-tigos sinais e palavras simbólicas tiradas do fundo da religião, para se reconhecerem entre eles, no meio dos Infiéis e dos Saracenos [...]. Algum tempo depois, nossa Ordem uniu-se, intimamente, com os Cavaleiros de São João de Jeru-salém. Daí em diante, nossas Lojas passaram a trazer o nome de Lojas de São João [...]."⁽²⁾

Os efeitos decorrentes daí foram



intensos. Toda a Maçonaria do continente europeu, na clara pretensão de romper com o pensamento da Maçonaria inglesa da Primeira Grande Loja, protestava sua nobreza ancestral para cingir o ofício com ares de fidalguia.

Isto feito, começaram a surgir diversos graus da Maçonaria dita Templária, de vingança ou das punhaladas. Em 1743, v.g., surgem os Graus Kadosh, cuja temática gira em torno da morte do último grão-mestre dos Templários, Jacques de Molay,⁽³⁾ e, por volta de 1750, provavelmente originário da cidade de Lyon, já existia o grau de Cavaleiro Eleito dos Nove (Maître Elu, Premier Elu ou L'Élu des Neuf),⁽⁴⁾ cuja temática central também se concentra em uma vingança, desta vez, do Mestre Arquiteto do Templo de Salomão, Hiram.

Contra as cerimônias desses graus foram dirigidas duras críticas, mui-

A conexão criada por Ramsay com as Ordens de monges guerreiros daria enorme impulso à criação dos Altos Graus.





J. B. Willermoz

tas delas devidas em razão da sua natureza vingativa; **Jean-Baptiste Willermoz**⁽⁵⁾ combateu abertamente os graus de vingança, sendo, quanto a esse mister, apoiado por diversos Irmãos Maçons. Entre as críticas mais enfáticas, destacamos a de **Ragon**, que desqualifica os graus das punhaladas como Maçonaria, por sua incompatibilidade filosófica:

Não concebemos uma verdadeira Maçonaria que possa chamar-se de inglesa, outra de escocesa, uma terceira de francesa, mais outra de americana, etc,...

Todas essas Maçonarias, que tiram seus títulos daquilo que os partidários chamam de altos graus, já não são verossímeis, pois são a Maçonaria da vingança, ou a Maçonaria das punhaladas (dos Templários e dos jesuítas) [...]

Há matemáticas inglesas, escocesas, francesas? Não. Existe a Matemática (ciência formal), assim como há a Maçonaria (instituição civil).⁽⁶⁾

À parte os embusteiros e charlatães que se serviram da Maçonaria para

aferir vantagens materiais, os redatores dos nossos rituais eram, via de regra, homens de notável erudição, a julgar pelos produtos deles advindos. É lícito, se não necessário, àqueles que ingressam nos graus ditos de vingança ou das punhaladas, escrutinar o simbolismo mais íntimo de seus rituais, máxime aos *Cavaleiros Eleitos dos Nove*, no Rito Escocês Antigo e Aceito, por ser esse o primeiro dos graus cujo tema é a vingança pela morte do nosso desditoso Mestre.

2. As Teorias de Verval e Snoek

Toda indagação sobre as origens de quaisquer dos graus da Maçonaria deve legitimar-se, antes, pela resposta a indagação: quais implicações práticas decorreram de sua origem?⁽⁷⁾ Tal procedimento rendeu exitosos frutos a historiografia maçônica, a exemplo dos trabalhos do Ir.: **Lionel Vibert** sobre as origens do terceiro grau. Partindo desse princípio, o Ir.: **Jan Snoek** defende a necessidade da observação metodológica de dois pontos para a correta investigação da história dos graus da Maçonaria: "1) olhar para a sua forma mais antiga e (2) tentar descobrir qual o problema foi resolvido com a sua criação".⁽⁸⁾

O Ir.: **Guy Verval**, no Posfácio da obra *Rituel du Rite Français Moderne* 1786, foi quem melhor elucidou a possível finalidade ancestral do grau de *Cavaleiro Eleito dos Nove*, por conseguinte, a temática que lhe dá origem, ao nos lembrar que o Respeitabilíssimo Mestre, durante a cerimônia Magna de Exaltação, representa o algoz de **Hirao**, representado, na ocasião, pela figura do assassino.

O candidato, após sua morte e sua surreição, continua a ascender pelos altos graus do Rito Escocês e, na ocasião da colação de *Grau de Cavaleiro Eleito dos Nove*, ele, outrora assassinado, torna-se assassino. Mais do que isso, o candidato morto pelo assassino de **Hirao** tem a oportunidade de matar o próprio celerado, outrora assassino.⁽⁹⁾

Entre as funções necessárias ao exercício do veneralato, está a execução dos trabalhos de sua Ordem, máxime nas sessões magnas. Isto, é óbvia sua liderança na colação destas sessões. O Respeitabilíssimo, portanto, precisa representar o papel do assassino de **Hirao** nas Exaltações, isto porque, o espírito do terceiro grau, a morte e a surreição do candidato, só é possível através de sua morte.⁽¹⁰⁾



14

O tema do emblema heráldico do Grau 9, que aparecia nos aventais, foi mudado no Supremo Conselho - Jurisdição Sul. Em vez do punhal, cabeça cortada etc., agora é a vela da sabedoria que ilumina caverna da ignorância.



O antigo grau de *Maître Elu*, hoje *Cavaleiro Eleito dos Nove*, faz saltar aos olhos – ainda mais em sua versão primitiva, *Mestre Eleito* –, que o seu título indica alguém que foi eleito como dirigente máximo de uma Oficina, mas ainda não foi instalado no cargo e que, conforme nos remete a história, apenas os Oficiais das Lojas poderiam ser investidos neste grau,⁽¹¹⁾ o que reforça a ideia de que o antigo grau de *Mestre Eleito* era o precursor necessário do veneralato.

Assim, este grau, também, tem uma função clara. É uma qualificação necessária para a função de Mestre de uma Loja. Ele ensina ao candidato a lição que é tão inerente as iniciações da Maçonaria: sem morte não há vida nova; que é a razão pela qual o verdadeiro adulto tem que aceitar a inevitável tarefa de matar. Assim, este grau não é “frescura francesa”, mas um ato grave, que oferece algo essencial. Qual Mestre Instalado não conhece o arripio de matar simbolicamente um candidato a Mestre pela primeira vez?⁽¹²⁾ (*Os grifos apusemos*).

As assertivas e teses delineadas não são, todavia, dogmáticas. Seu propósito real, que confere finalidade à sua exposição, é o incentivo ao exercício da erudição na Maçonaria. A despeito disso, não podemos ignorar



Embora o avental no SC 33 - Sul tenha mudado o avental, a joia permanece a mesma, o punhal com cabo de ouro e lâmina de prata

que, seja pelo fundamento histórico, que apresenta registros da necessidade dos Mestres Eleitos constituírem-se apenas dos oficiais das Lojas, ou do esteio filosófico, exposto pela continuidade do processo iniciado no grau de *Mestre Maçom*, a conclusão atingida é satisfatória pelo respeito aos postulados metodológicos esboçados, como também pela abordagem filosófica afinada ao espírito da Maçonaria.

O recipiendário matando o hierofante é a parte final da fórmula da iniciação, e é justamente aqui que o candidato, outrora dependente da instrução do seu Mestre, o aniquila e o iguala, tornando-se Mestre também. ▲

Notas

(1) Fato é que não existem provas de que **Chevalier Ramsay** tenha lido em Loja o seu *Discurso*. Isto não obstante, **Castellani** informa que este veio a ser publicado em 1738, ainda que já esti-

vesse escrito em 1737, só não vindo à lume de imediato por força do impedimento do cardeal **Fleury** (Cf. CASTELLANI, José, *O rito escocês antigo e aceito – história, doutrina e prática*, 1996, pp. 22-23).

(2) CASTELLANI, José, op. cit., 1996, pp. 38-39.

(3) Cf. RIBEIRO, João Guilherme C., *Os fios da Meada: origens, evolução e imagens do Rito Escocês Antigo e Aceito*, 2007, pp. 23-24 e 30.

(4) Cf. NAUDON, Paul, *Histoire, rituels et uileur des hauts grades maçonniques*, 1966 (3. ed.1978), pp. 43, 84 e ss. apud SNOEK, Johann A.M., *On the creation of masonic degrees: a method and its fruits*, 1998, p. 170.

(5) Cf. SNOEK, Johann A.M., op. cit., 1998, p. 170.

(6) RAGON, Jean Marie, *Ortodoxia maçônica*, 2006, p. 273.

(7) Cf. SNOEK, Johann A.M., op. cit., 1998, p. 170.

(8) *Ibidem*, p. 171.

(9) Cf. VERVAL, Guy, Posfácio a obra “*Rituels du rite francais moderne*”, 1992, p. v apud SNOEK, Johann A.M., op. cit., 1998, p. 171.

(10) Cf. SNOEK, Johann A.M., op. cit., 1998, p. 170.

(11) BERNHEIM, Alain, *Notes on early Freemasonry*, s./d., p. 79 apud SNOEK, Johann A.M., op. cit., 1998, p. 171.

(12) SNOEK, Johann A.M., op. cit., 1998, p. 171-172.





Ir.: João Guilherme C. Ribeiro, 18º

Quando iniciamos pesquisas, nunca temos ideia de onde ela nos pode conduzir. Para a segunda edição de *Os Fios da Meada*, sobre as coisas do Rito Escocês Antigo e Aceito, tropecei em muitas surpresas. Tantas, aliás, que o livro terá dois volumes e vai mudar de nome: chamar-se-á *+Fios da Meada...*!

Para explicar melhor, permita que faça referência ao título de um livro excelente do Ir.: **Harry Mendoza**, Past Master da prestigiosa Loja de Pesquisas Quatuor Coronati, sobre a precedência na numeração das Lojas jurisdicionadas à *Grande Loja Unida da Inglaterra* e *Capítulos do Real Arco* sob o *Supremo Capítulo da Inglaterra* (do Arco Real). Esse título, *Serendipity*, não é uma palavra oriunda do latim ou do grego. Dizem que foi criada por um nobre inglês para significar, em uma única palavra, a boa sorte de encontrar

coisas valiosas ou agradáveis que não se estava procurando. É uma palavra excelente para descrever achados não intencionais. Em português a tradução é serendipismo, “*dom de fazer descobertas felizes, por acaso*”, segundo o *Dicionário Michaelis*.

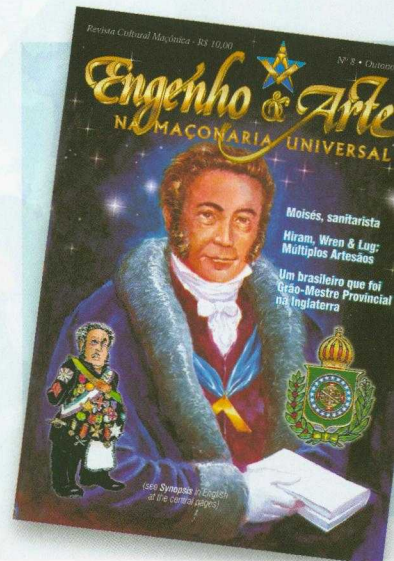
Uma dessas descobertas felizes diz respeito a um personagens de enorme influência na história do Brasil e na história da Maçonaria inglesa: **Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça**. O que encontrei deixou-me virtualmente em presença de um mistério!

Acredito na democracia liberal e parlamentarista, na qual o jornalista tem função primordial. Por isto, e como amante de história em geral e História do Brasil em particular, sempre tive enorme admiração por **Hipólito da Costa**, patrono da nossa Imprensa. Seu periódico *Correio Braziliense*, editado em

português, impresso e publicado em Londres, entre 1808 e 1822, foi um baluarte da nossa independência. Esta admiração cresceu muito com o excelente artigo sobre ele, de autoria do Ir.: **William Carvalho**. Tive o prazer de publicá-lo em uma revista que editei por muitos anos, *Enfoque Arte*.



16



Como **Hipólito**, talvez só **José Bonifácio**, seu irmão **Antônio Carlos Gonçalves Ledo** e **Januário Barbosa** tenham vivido tão intensamente em período tão significativo de nossa história.

Culto como poucos, **Hipólito** formou-se em matemática, Filosofia e Direito em Coimbra em uma época em que pouquíssimos poderiam sequer alfabetizar-se, quanto mais diplomar-se em Coimbra! Ao terminar seu curso, foi enviado pelo **Conde de Linhares** aos Estados Unidos, para observar novas técnicas lá implementadas e tentar conseguir, no México, exemplares da colchonilha, um inseto do qual se extraía um excelente corante vermelho, em alta demanda. Os insetos, as plantas e os métodos de produção do corante eram zelosamente guardados pelas autoridades coloniais espanholas. **Hipólito** esforçou-se em cumprir a missão, possivelmente com passeios clandestinos ao México, e entregou minucioso relatório sobre isto e outras coisas ao Conde de Linhares.

Porém, nos dois anos em que esteve na América, **Hipólito** foi iniciado na *Loja George Washington*, em 12 de março de 1799, e contatos com muitos históricos personagens americanos, como **John Adams** e **Thomas Jefferson**. Sua associação com a Maçonaria, em época em que a Inquisição perseguia os pedreiros livres, teria importantes consequências.

Ao voltar dos Estados Unidos a Portugal, foi diretor da Imprensa Régia portuguesa. Em 1802, foi à Inglaterra, solicitar o reconhecimento à *Primeira Grande Loja* (a de 1717) e proteção para as quatro Lojas portuguesas, no que teve pleno êxito, como confirma em ata seu amigo **William Preston**, famoso criador do fundo de palestras que leva seu nome, as *Palestras Prestonianas*.

Todavia, em plena época da *viradeira*, a política retrógrada com que a rainha portuguesa *D. Maria* abafou as conquistas liberais do **Marquês de Pombal**, apesar dos serviços que prestara, as conexões e atividades maçônicas de **Hipólito** foram pre-



O Museu Britânico conserva um tratado sobre o cultivo da colchonilha, publicado ao final do século XVI, o que demonstra a importância dessa importante atividade como fonte de renda para a Coroa espanhola, tal como a mineração do ouro e da prata. Apesar da repressão, muitos buscavam contrabandear o cacto e os insetos. Somente no fim do século XIX, com o aparecimento das anilinas sintéticas a cultura em grande escala cessou. Ainda hoje, artesãos regionais usam a tintura.

texto para que ele fosse preso pela Inquisição portuguesa pelo crime de ser pedreiro livre, que a corte ignorante e supersticiosa associava à Revolução Francesa e ao regicídio.

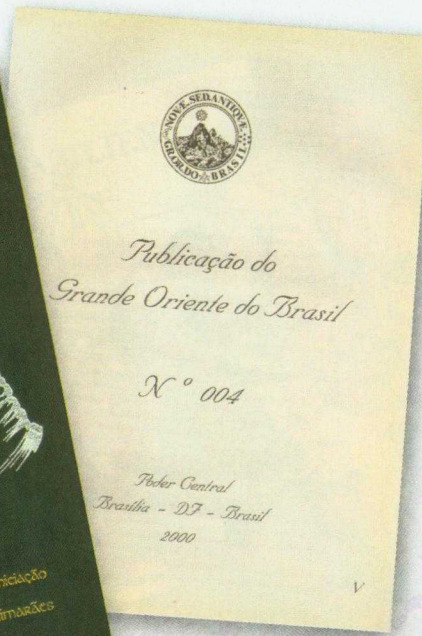
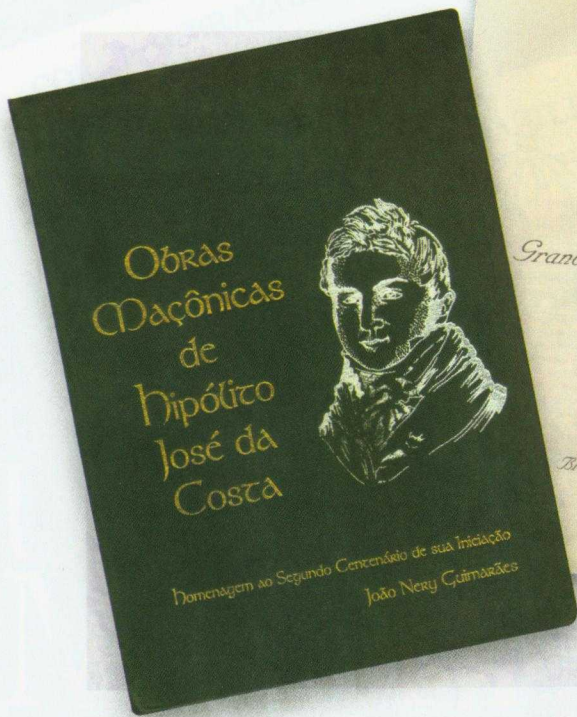
Ele passou três anos na masmorra de Limoeiro, em Lisboa, de onde fugiu das graças ao auxílio de Irmãos portugueses. Radicou-se então na Inglaterra, onde sua cultura e conhecimento de idiomas o tornaram muito influente na corte e na Maçonaria inglesas, a ponto de ser o Secretário de Relações Exteriores do Príncipe Augustus Frederick, nada mais, nada menos do que o poderoso **Duque de Sussex**, filho do Rei **George III**, de quem tornou-se grande amigo.

Hipólito participou ativamente das *Lojas de Promulgação* e *Reconciliação*, das quais resultaria, em 1813,

a fusão das *Grandes Lojas dos Modernos* (de 1717) e a dos *Antigos* (de 1751) na *Grande Loja Unida da Inglaterra* e a formulação do novo ritual. Um importante historiador inglês, **John Hamill**, como lembra **William Carvalho**, diz que ele foi “um homem de grande importância na história da Independência e da cultura do Brasil e, como se descobriu recentemente, de não menos importância no desenvolvimento de nossos rituais imediatamente antes e depois da União de 1813”.

A proteção do Duque, que o fez Grão-Mestre Provincial do Condado de Rutland (que não tinha Maçons!), impediu que o embaixador português na Inglaterra, o **Conde de Funchal**, fizesse qualquer coisa contra ele. E olhe que Hipólito escrevia continuamente contra a





estreiteza da dominação portuguesa no Brasil em seu *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*.

Nas pesquisas para esta edição, examinei na internet um livro relativamente pouco conhecido entre nós, embora tivesse sido traduzido pelo Ir.: **João Nery Guimarães** em edição comemorativa pelo *Grande Oriente do Brasil*, bela época de realizações culturais no **GOB!**

A edição inglesa é de 1811 e intitula-se, ao estilo da época, *A Narrative of the Persecution of Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, a native of Colonia-do-Sacramento, on the River La Plata, imprisoned and tried in Lisbon, by the Inquisition, for the pretended crime of Free-Masonry* (Uma Narrativa da Perseguição de Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, aprisionado e julgado em Lisboa, pela Inquisição, pelo suposto crime de ser Maçom).

Aí aconteceu a surpresa.

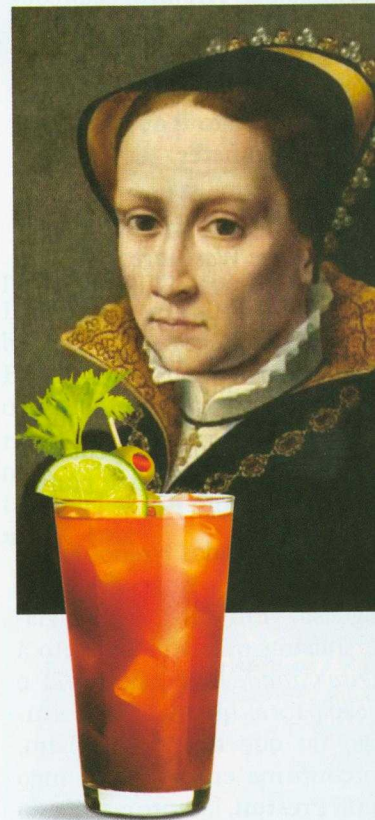
Não é segredo a aversão do **Duque de Sussex** pelos Altos Graus, por causa das rivalidades entre sua dinastia, **Hanover**, com a dinastia destronada dos **Stuart**. Nunca é demais lembrar que, na história da Maçonaria, a rivalidade entre os **Stuart** destronados e os **Hanover**

ainda inseguros no trono inglês é o ponto de partida para o entendimento da evolução dos Ritos e da própria Ordem.

Resumindo, o rei escocês **James VI**, em 1603, passou a reinar, além da Escócia, também sobre a Inglaterra e a Irlanda com o nome de **James I**, o que significa que a dinastia **Stuart**, de origem escocesa, reinava sobre as Ilhas Britânicas como um todo. Acontece que, pelas leis inglesas, o aumento de taxas obrigatoriamente tinha que passar pelo Parlamento. Aí começou a confusão. Seu filho, **Charles I**, casado com **Henrietta Maria**, princesa francesa católica, entrou em choque com o Parlamento, daí resultando a Guerra Civil Inglesa. **Charles** perdeu, foi aprisionado, fugiu, renovou a guerra e acabou aprisionado, julgado e executado em 1649. A rainha e os filhos refugiaram-se na França, junto com muitos seguidores ingleses, escoceses e irlandeses. Seguiu-se um período republicano sob **Oliver Cromwell**, durante o qual o filho mais velho, Charles, tentou inutilmente recuperar o trono, o que aconteceu em 1660, dois anos depois que **Cromwell**. Como **Charles II**, com o apoio do Parlamento e do povo, ele governou no período em que afloraram a *Royal Society* e a

Maçonaria, esta principalmente com a reconstrução de Londres arrasada pelo grande incêndio de 1666.

Charles morreu sem herdeiros legítimos, o que colocou seu irmão **James II** no trono. O problema era que **James** havia convertido-se ao catolicismo quando exilado na França. Enquanto ele não teve herdeiros, os britânicos o aceitaram. Porém, ao nascer seu filho, a Coroa Britânica viu-se na possibilidade de voltar ao Papa, dos padres e, pior, da Inquisição, como acontecera quando a filha de **Henrique VIII** tentou abafar a reforma religiosa feita pelo pai – o coquetel vermelho, apelidado de *bloody Mary* (Maria sangüinária), vodka e suco de tomate, é assim chamado – lembrando dos 300 testamentos que ela mandou queimar...



No nome do coquetel transparente e do horror do homem comum, já habituado a mais liberdade, ao parlamento e habeas corpus, ao domínio da Igreja, que significou para ele o retorno do Santo Ofício e das torturas.



Para entender as dinastias no trono britânico

Tudor

A Rainha **Elizabeth I**, última da dinastia, morre sem deixar herdeiros

Stuart (I)

James VI da Escócia / **James I** do Reino Unido da Escócia e Inglaterra – as Coroas da Inglaterra e Escócia unem-se sob o mesmo monarca

Charles I, ao tentar governar sem o parlamento e impor o “direito divino” dos reis, leva a Grã-Bretanha à guerra civil

Parlamento ganha a guerra. **Charles I** é decapitado (1649)



Interregnum

Período republicano sob **Oliver Cromwell** (1649-1650)

A Rainha **Henrietta Maria** e o Príncipe **Charles** fogem para o exílio na França (1644) e só retornam na Restauração

Stuart (II)

Charles II restaurado no trono britânico, mas é morto sem deixar herdeiros legítimos (1685)

James II, irmão de **Charles II**, tenta impor o catolicismo na Grã-Bretanha e é deposto (1688)

Rainhas **Mary** e **Anne**, filhas de **James II** reinam, mas também não produzem herdeiros

James II exilado na França (falece em 1701)

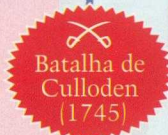
Hanover

Sucessores católicos barrados do trono britânico, bisneto alemão de **James I** assume como **George I** (1714). Reino Unido consolida-se como monarquia parlamentarista

George II sucede o pai (1727). A batalha de Culloden (1745) elimina a última tentativa de restaurar os **Stuart**

George III, neto de **George II**, diferente do avô e do pai, nasceu em solo inglês sobe ao trono (1760)

George IV, filho de **George III**, foi Príncipe Regente antes de assumir o trono (1760)



James Edward Velho Pretendente (falece em 1766)

Charles Edward Jovem Pretendente (falece em 1788)

Extingue-se a linhagem **Stuart**

James II foi exilado e abrigou-se de novo na França de **Luís XIV**. A França encheu-se novamente de exilados das Ilhas Britânicas. Enquanto isto, as duas filhas protestantes de **James II**, **Mary** e depois **Anne**, reinaram, mas não deixaram herdeiros. Quando **Anne** morreu, o trono foi oferecido a um sobrinho neto de **James I**, que foi coroado **George I**, iniciando a dinastia **Hanover** no trono britânico.

O desenvolvimento dos diversos segmentos e Altos Graus na Maçonaria se deu justamente nessa época de rivalidade entre as duas dinastias, os **Stuart** destronados, sustentados pelos reis franceses, e os **Hanover**, recém chegados ao trono britânico.

É aí que entra alguém de quem você já ouviu falar: **Andrew Michael Ramsay** (1686-1743), cavaleiro da *Ordem de S. Lázaro*, cujo famoso – mas não pronunciado *Discurso* – eletrizaria a nobreza e levaria à proliferação dos Altos Graus no continente europeu. **Ramsay** deu origem antiga e nobre à Maçonaria, ao associá-la aos Cruzados.

A facção *jacobita* (de **Jacobus**, James em latim), partidária da restauração dos **Stuart**, trabalhando incansavelmente, usou muitos desses Altos Graus para estabelecer analogias inteligentes, favoráveis aos monarcas destronados. Em outras palavras, os Altos Graus que pululavam no continente tornaram-se um poderoso instrumento de propaganda pró-**Stuart**.

Quer uma prova? Qual é mesmo o nomes alternativo do Grau 14 daquele que viria ser o Rito Escocês Antigo e Aceito?

Na *Nova Guia*, de 1873, ele também é chamado de *Grande Escossez da Abóbada Secreta de Jacques VI*, que era o próprio **James I**, lembra? No *Tuilleur*, de **Jean-Baptiste Ragon**, de 1861, ele é o *Vrai Maître Écossais de Jacques VI, dit de la Voute Sacrée* (Verdadeiro Mestre Escocês de James I, dito da Câmara Sagrada) Se você mergulhar nos rituais, então, a propaganda pró **Stuart** fica ainda mais ostensiva,



muito bem adequada ao contexto e à mentalidade romântica da época.

Claro que isto, no outro lado do Canal da Mancha, era visto com extrema desconfiança. Ainda havia separação na sociedade com anos depois da chegada dos impopulares **Hanover**, que agora eram os cobradores de impostos!

Naturalmente, um príncipe **Hanover**, como Frederick Augustus, **Duque de Sussex**, não poderia morrer de amores pelos Altos Graus ou pelo Rito Escocês Antigo e Aceito, carregados de insinuações a favor dos **Stuart**. Tanto é assim que, em consequência dessa aversão, só depois da morte dele se efetivou, em 1845, o Supremo Conselho inglês: *Supreme Council 33º for England and Wales and its Districts and Chapters Overseas*, do "Rito Antigo e Aceito", sem mencionar que seja escocês!

Aí, ao examinar o livro, deparei-me com uma gravura de **Hipólito**, diferente da que estamos acostumados. Conhecemos aquela famosa, em que ele aparece com o esquadro de Venerável Mestre pendurado na fita azul. Entretanto, na gravura feita por **H. R. Cook**, logo na abertura do livro, publicado em 1811, **Hipólito** aparece com outra joia. Nada mais, nada menos, a joia que está em seu peito é aquela do Grau 18, o compasso coroadado sobre um arco de círculo, tendo sobreposto o pelicano e os filhos! Mais ainda: o pelicano que rasga o peito para alimentar os filhos é o timbre da família **Stuart**!

Como explicar? A única referência que tenho notícia vem de um de seus biógrafos, **Mecenas Dourado**, que atribuiu a ele o Grau 33, que teria sido conferido em 1819! Mas como isto teria acontecido, ele não diz.

Fica difícil de entender e, pior, explicar quando se sabe que suas relações com o Duque permaneceram excelentes até seu falecimento. Tanto assim que o necrológico **Hipólito** no *Gentleman's Magazine*, ao que tudo indica, redigido pelo próprio Duque, afirma que "seus eminentes talentos e honras merecidamente fizeram-no querido de seu real protetor".

Mais ainda: sua lápide é também altamente elogiosa, ainda que a lápide, provavelmente também escrita pelo **Duque de Sussex**:

"Dedicado à memória do comendador **Hipólito José da Costa Pereira**, falecido em 11 de setembro de 1823 com a idade de 46 anos, e na Inglaterra residiu nos últimos dezoito anos durante os quais, por seus numerosos e variados escritos, difundiu entre os habitantes daquele imenso Império o gosto pelos conhecimentos úteis e a inclinação pelas artes que embelleza a vida e o amor pela liberdade constitucional, fundada na obediência às leis e nos princípios de mútua benevolência e boa vontade. Um amigo que conheceu e admirou suas virtudes, assim as recorda, para o culto da posteridade."

Na verdade, **Hipólito** faleceu aos 46 anos.

E agora? Como explicar a joia do Grau 18 do Rito Escocês Antigo e Aceito no retrato oficial do autor do livro, grande amigo, protegido e secretário do primeiro Grão-Mestre da **Grande Loja Unida da Inglaterra**, um príncipe **Hanover** dogmático e avesso aos Altos Graus?

Por mais que dê tratos à bola, não consigo responder. Se você quiser tentar, arregace as mantas. E seja bem-vindo ao mundo da pesquisa, venha tropeçar nos mistérios!...

A NARRATIVE OF THE PERSECUTION OF

HIPPOLYTO JOSEPH DA COSTA PEREIRA FURTADO DE MENDONÇA

A native of Colonia-do-Sacramento, on the River la Plata; IMPRISONED AND TRIED IN LISBON, BY THE INQUISITION, FOR THE PRETENDED CRIME OF FREE-MASONRY

To which are added. The Bye-Laws of the Inquisition of Lisbon (never before published.)

Taken from the Originals in one of the Royal Libraries in London

IN TWO VOLUMES.

VOL. I.

LONDON

PRINTED AND SOLD BY W. LEWIS, AND MAY BE HAD OF SHERWELL, JONES, PATERNOSTER ROW, AND ALL OTHER BOOKSELLERS.

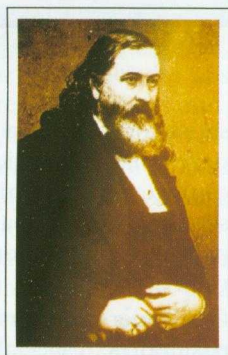


Hippolyto Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça

A cadeia de Limoeiro, em Lisboa. Hoje Centro de Estudos Jurídicos. O livro de Hipólito, publicado em Inglaterra, onde está a gravura com a joia do Grau 18. E agora como explicar?

O Pensamento Vivo de Albert Pike

Morals and Dogma



Chefe do Tabernáculo

Grau 23

(continuação da Astréa #37)

Tradução livre de
J. W. Kreutzer Bach

Retomando a sucessão natural, apresentamos a segunda parte do Grau 23, *Chefe do Tabernáculo*. Não é um texto fácil, compatível com a natureza do Grau, mergulha nos antigos Mistérios e traz algumas associações e analogias interessantes.

J. W. Kreutzer Bach

Em toda parte, nos velhos Mistérios, e em todo o simbolismo e cerimonial do Hierofante, foi encontrado o mesmo personagem mítico que, como **Hermes** ou **Zoroastro**, unem os Atributos Humanos ao Divino, sendo ele próprio um deus cuja adoração ele introduziu, ensinando ao homem rude os primórdios da civilização através da influência da canção e conectando, com o símbolo de sua morte, emblemática daquela da Natureza, o consolo muito essencial da religião.

Os Mistérios abraçavam as três grandes doutrinas da Teosofia Antiga. Eles tratavam de Deus, do Homem e

da Natureza. **Dionísio**, cujos Mistérios dizem por eles terem sido fundos, era o deus da Natureza, ou da humildade que é a vida da Natureza, que prepara na escuridão o retorno da vida e da vegetação, ou que é, ele mesmo, a Luz e a Mudança que desenvolve suas várias formas. Teologicamente, ele irmanava-se a **Hermes**, **Prometeu** e **Poseidon**. Nas ilhas do Mar Egeu, ele é **Butes**, **Dárdano** ou **Imbros**. Em Creta, aparecia como **Iasus** ou **Zeus**, cujo culto, apresentado pelas versões usuais de mistérios, deixavam antever os símbolos à curiosidade profana – se olhados de forma superficial, certamente eles seriam mal interpretados. Na Ásia, ele é **Bassareu**, que se confunde com o **Sabázio** dos *coribantes* frígios. O mesmo se dá com o místico **Iaco**, enteado ou filho de **Ceres**, com o esquartejado **Zagreu**⁽¹⁾

De forma simbólica, os Mistérios exibiam O Único, do qual o multifacetado é uma infinita ilustração, contendo uma lição moral calculada para guiar a alma através da vida e alegrá-la na morte. A história de Dionísio tem um profundo significado. Ele era não somente o criador do mundo, mas

guardião, libertador e salvador da alma. Deus do manto multicolorido, ele era a personificação da manifestação resultante, o todo nos muitos, o ano variado, no qual vida passa em formas inumeráveis.

A regeneração espiritual do homem era tipificada nos Mistérios pelo segundo nascimento de Dionísio como produto do Altíssimo; e os agentes e símbolos dessa regeneração eram os elementos que afetavam a purificação periódica da Natureza – o ar, indicado pelo abano místico; o fogo, representado pela tocha; e a água batismal, porque a água não é somente a mais limpa de todas as coisas, mas a fonte de tudo.

Essas noções, embutidas no ritual, sugeriam a reforma e o treinamento da alma, a pureza moral proclamada em Elêusis. Só era convidado a aproximar-se aquele que fosse “*de mãos limpas e fala engenhosa, livre de toda poluição e limpo de consciência*”. “*Feliz o homem*”, diz o iniciado em **Eurípedes** e **Aristófanes**, “*que purifica sua vida e reverentemente consagra sua alma na procissão do deus. Que de seus lábios não saiam palavras*





O Triunfo de Dionísio, cena da procissão em honra ao deus do vinho, esculpida em um sarcófago romano do século II A.D., conservado no Palazzo dei Conservatori, de Roma.

profanas; que ele seja justo e amável para com os estranhos e seu vizinho; que ele não ceda aos excessos do vício, para que não faça obtusos e insensíveis os órgãos do espírito. A dança mística do tiaso⁽²⁾ nada tem a ver com o maledicente, o sedicioso, o interesseiro ou o traidor. As ações desses, em resumo, tem mais a ver com a desordem dos Titãs do que com a vida regrada dos Órficos⁽³⁾ [...].

O devoto, elevado além da esfera de suas faculdades ordinárias, inepto para entender a agitação que o consome, parecia ganhar proporções divinas, à medida que deixa de ser humano, seja um deus ou um demônio. Na sua imaginação, os iniciados colocavam-se já entre os beatificados. Apenas eles gozariam da verdadeira vida, do brilho do Sol, enquanto entoavam hinos a seu deus, sob o arvoredado místico do Elísio, realmente renovados ou regenerados pela influência de sua dança.

“Aqueles a quem **Prosérpina** conduz em seus mistérios”, dizia-se, “que beberam de sua instrução e nutrição espiritual, descansam de seus labores e não mais conhecem a discórdia. Felizes os que testemunham e compreendem essas cerimônias sagradas! A eles é ensinado o significado do enigma da existência por observação

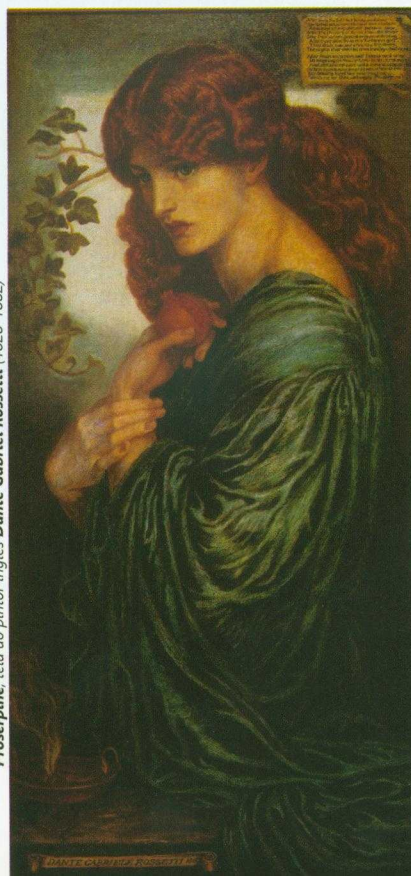
de seus objetivos e término tal como designado por **Zeus**. Eles recebem um benefício mais valioso e perene do que o grão que **Ceres** propicia. Porque eles são exaltados na escala da existência intelectual e recebem doces esperanças para consolo em sua morte.”

Sem dúvida, as cerimônias de iniciação eram originalmente porcas e simples. À medida que as grandes verdades da primitiva revelação desapareceram da maioria do povo e a maldade ganhou corpo na terra, tornou-se necessário discriminar; requerer provas mais demoradas e testes mais

satisfatórios dos candidatos; disseminar escolas – no início, mais de instrução do que de mistérios; criar o véu de segredo e a pompa para as cerimônias para influenciar a opinião sobre seu valor e importância.

Quaisquer imagens que escritores posteriores, especialmente cristãos, tivessem dos Mistérios, elas deveriam ter continuado puras, não só originalmente como por muitos anos; as doutrinas da moral e da religião natural então ensinadas eram da maior importância, porque tanto os mais virtuosos como os mais eruditos e filósofos dos antigos falam delas com os termos mais elogiosos. Quando se tenham degradado de sua alta posição e se corrompido, nós sabemos.

Os ritos de iniciação tornaram-se progressivamente mais complicados. Sinais e toques foram inventados pelos quais os Filhos da Luz pudessem facilmente fazer-se conhecer uns aos outros. Diferentes Graus foram inventados, à medida que o número de Iniciados aumentava, de maneira que se pudesse ter, em uma câmara interior do Templo, uns poucos favoritos, a quem os segredos mais valiosos fossem confiados, que promovessem a influência e o poder da Ordem.



Prosérpine, tela do pintor inglês Dante Gabriel Rossetti (1828-1882)

Prosérpina, na concepção de Dante Gabriel Rossetti, importante poeta e pintor da Irmandade Pré-Rafaelita inglesa, que buscava reviver a arte da Idade Média, anterior à Renascença.



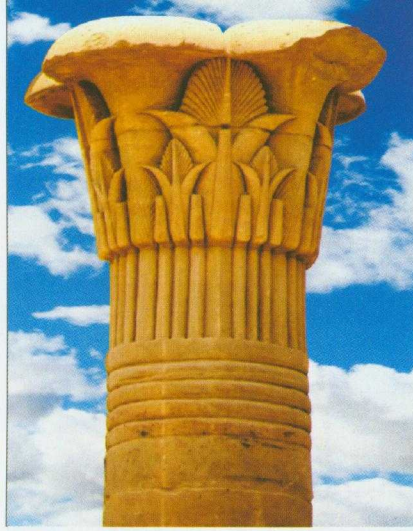
Originalmente, pretendia-se que os Mistérios fossem o começo de uma nova vida de razão e virtude. Aos Iniciados, ou companheiros esotéricos, era ensinado a doutrina de Um Deus Supremo, a teoria da morte e da eternidade, os mistérios ocultos da Natureza, a perspectiva da restauração final da alma ao estado de perfeição da qual havia caído, sua imortalidade e as recompensas e castigos depois da morte. Os não iniciados eram denominados Profanos, indignos de emprego público ou confiança privada, algumas vezes proscritos como ateus e certos da punição eterna após o túmulo.

Todas as pessoas eram iniciadas nos Mistérios menores; mas poucos atingiam os maiores, nos quais seu verdadeiro espírito e a maior parte de suas doutrinas secretas estavam ocultas. O véu de segredo era impenetrável, selado por juramentos e pelas mais terríveis penalidades. Apenas pela iniciação o conhecimento dos hieróglifos poderia ser obtido, com os quais as paredes, colunas e tetos dos Templos eram decorados e que, acreditava-se, foram comunicados aos Sacerdotes por revelação de divindades celestiais, que a juventude de todas as classes era naturalmente ambiciosa para decifrar.

As cerimônias aconteciam na calada da noite, geralmente em recintos subterrâneos, mas, algumas vezes, no centro de uma vasta pirâmide, usando todos os recursos que pudessem alarmar e excitar os candidatos. Inumeráveis cerimônias, selvagens e românticas, terríveis e espantosas, foram gradativamente acrescentadas aos poucos expressivos símbolos das práticas primitivas, nas quais houve casos em que os apavorados aspirantes chegaram a expirar de medo.

As pirâmides eram provavelmente usadas para os propósitos iniciáticos, como também o foram cavernas, pagodes e labirintos, porque as cerimônias requeriam muitos apartamentos e celas, longas passagens e poços. No Egito, um lugar principal para os Mistérios era a ilha de Filas, no Nilo, onde ficava um magnífico templo de Osíris e dizem que suas relíquias foram preservadas.

Com sua vocação natural, os sacerdo-



Coluna típica do templo de Filas, dedicado a Ísis, mas onde Osíris e Horus eram também cultuados. São variadas, a maioria ornada de plantas, esculpidas ou pintadas.

tes, uma classe seleta e exclusiva no Egito, Índia, Fenícia, Judeia e Grécia, assim como na Grã-Bretanha, Roma e onde quer que os Mistérios fossem conhecidos, usaram-nos para tecer e ampliar a teia de seu próprio poder. [...] A primitiva sociedade foi sucedida por classes e dignidades. Homens sem princípios, vulgares, insolentes, corruptos e venais puseram as vestes de Deus para servir ao diabo; o luxo, os vícios, a intolerância e o orgulho depuseram a frugalidade, a virtude, a gentileza e a humildade e trocaram o altar nos quais deveriam ser servos por um trono no qual reinam.

Todavia, reis, filósofos e estadistas, os sábios, os grandes e os bons que foram admitidos nos Mistérios protelaram sua destruição final e refrearam a tendência natural da classe sacerdotal. Por isto, na opinião de Zóximo, o declínio dos Mistérios, depois da abdicação de Diocleciano, foi a principal causa do declínio do Império Romano. No ano de 364, o prócônsul da Grécia não fechou os Mistérios, a despeito do decreto do Imperador Valenciano, para evitar que o povo

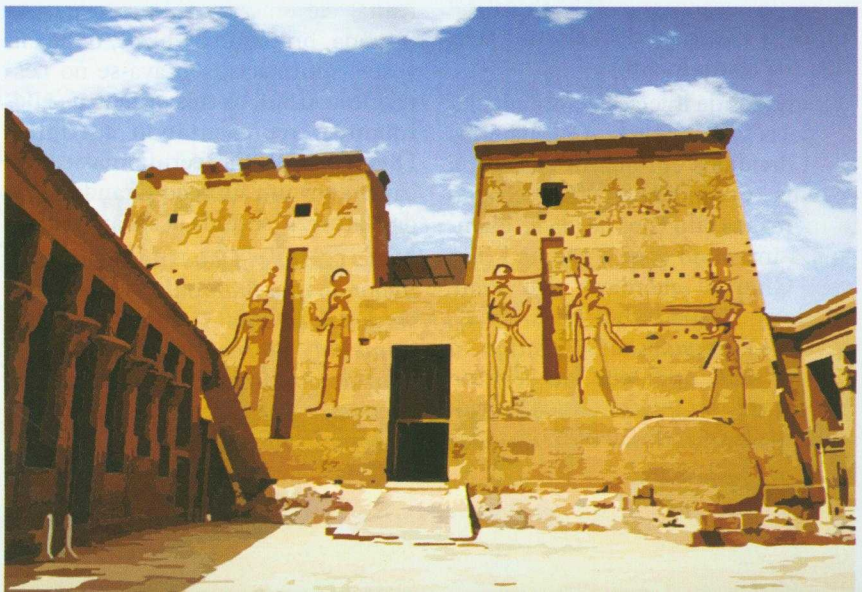
fosse levado ao desespero caso impedido de praticá-los, uma vez que se acreditava que deles dependia o bem-estar da humanidade. Eles foram praticados em Atenas até o século VIII, na Grécia e Roma, por diversos séculos depois de Cristo e em Gales e na Escócia até o século XII.

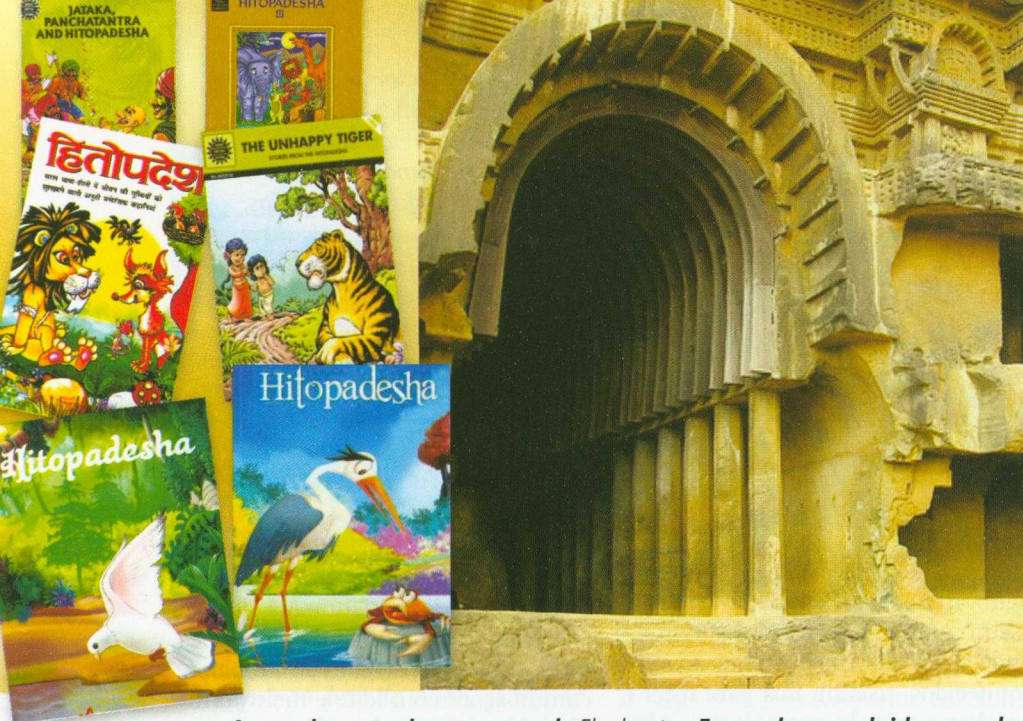
Os indianos originalmente praticavam uma religião patriarcal. Mesmo o culto posterior a Vishnu era alegre e sociável, acompanhado de canções festivas, danças, ao som de címbalos, com libações com leite e mele perfumes de madeiras e resinas aromáticas.

Ali, talvez, tenham começado os Mistérios, e neles, sob alegorias, eram ensinadas as verdades primitivas. Não podemos, nos limites desta instrução, detalhar as cerimônias de iniciação. Vamos usar linguagem coloquial, exceto onde alguma coisa desses velhos Mistérios ainda permaneça na Maçonaria.

O iniciado era investido com uma corda de três fios, entrelaçados de tal forma a fazer três vezes três, chamado *zennar*. É daí que vem o nosso *cabletow*⁽⁴⁾. Era um emblema de sua divindade tri-única, cuja lembrança ainda

O templo de Ísis e Osíris, teve que ser desmontado e reconstruído em outra ilha, sob os auspícios da UNESCO, quando a ilha de Filas foi inundada na construção da represa de Assuã.





A grande porta das cavernas de Elephanta. Escavada e esculpida na rocha basáltica, é considerada hoje patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Ao lado, modernas edições das Hitopadesha para crianças.

mantemos nos três principais oficiais de nossas Lojas, que presidem os três quartos daquele Universo que nossas Lojas representam, em nossas três luzes maiores e nas três menores, nas três joias móveis e três imóveis e nos três pilares que sustentam nossas Lojas.

Os Mistérios indianos eram celebrados em cavernas subterrâneas e grutas escavadas na rocha sólida. Os Iniciados adoravam a divindade, simbolizada pelo fogo solar. O candidato, depois de longa perambulação pela escuridão, verdadeiramente desejava Luz, e o culto que lhe era ensinado era o culto de Deus como a Fonte da Luz. O vasto templo de Elefanta, talvez o mais antigo do mundo, esculpido na rocha, foi usado para iniciações, tal como as cavernas de Salsette, com seus 300 apartamentos.

Os períodos de iniciação eram regulados pelas fases lunares. Os Mistérios eram divididos em quatro passos ou degraus. O candidato podia receber o primeiro aos oito anos de idade, quando era investido com o *zennar*. Em cada Grau se abordava algo sobre perfeição. “Que o mal-afortunado”, dizem as *Hitopadesha*⁽⁵⁾, “pratique a virtude, onde quer que ele desfrute um dos três ou quatro Graus religiosos; que ele seja consciente com todas

as coisas criadas e que esta disposição venha a ser a fonte da virtude.”

Depois de várias cerimônias, principalmente relacionadas à unidade e à trindade do Deus, o candidato era vestido com veste de linho, sem costura, e permanecia nos cuidados de um brâmane até completar vinte anos, continuamente estudando e praticando a mais rígida virtude. Então, ele enfrentava as mais rígidas provas para o Segundo Grau, em que era santificado pelo signo da cruz, que, apontando para os quatro pontos cardeais, era respeitada como um poderoso símbolo do universo por muitas nações da antiguidade e foi imitada pelos indianos na forma de seus templos.

Afina, ele era admitido na Caverna Sagrada, brilhante de luzes, onde em vestes suntuosas, sentava-se no Leste, Oeste e Sul, os três principais Hierofantes, representando a tríplice Divindade. Lá, as cerimônias começavam por um hino ao Grande Deus da Natureza, seguida desta apóstrofe:

“Oh, Grande Deus da Natureza, maior do que Brahma! Nós nos curvamos diante de Ti como o criador primeiro! Eterno Deus dos Deuses, Mansão do Mundo! És o Ser Incorrupível, a Antiga Existência Absoluta e Supremo Sustentáculo do Universo!

És a Mansão Suprema, e de Ti, o Forma Infinita, o Universo se espalhou.”

O candidato, assim ensinado da primeira grande verdade primitiva, era chamado a prestar uma declaração formal de que seria dócil e obediente aos seus superiores; que mataria puro seu corpo; que controlaria sua língua mantendo-se em passiva obediência para receber as doutrinas e a tradição da Ordem; e que manteria invioláveis, com firmeza, os ocultos mistérios. Ele então era espargido com água (do nosso batismo) e certas palavras, agora desconhecidas, eram murmuradas em seus ouvidos; era então descalçado e levado por três vezes ao redor da caverna. Daí nossas três viagens daí nem descalço nem calçado. Aquelas palavras eram as palavras de passagens do Grau indiano.

(continua)

Notas

(1) É profundo o conhecimento que Pitágoras tinha da mitologia dos mais diversos povos da Antiguidade. **Butes** foi um dos **Argonautas**, heróis gregos que foram à procura do vaso de ouro. **Dárdanos**, outro herói, era filho de **Zeus** e **Electra**. **Imbros** é uma ilha, perto da qual ficava o palácio da deusa **Tétis**, mãe de heróis **Aquiles**. **Himeros** era o deus grego do desejo sexual. **Bassareus** era um dos muitos nomes de **Dionísio**, o deus do vinho grego, conhecido como **Baco** para os romanos. **Sabázio**, para trácios e frígios, era o deus da vegetação, cultuado na Trácia, ao norte da Grécia, nos Bálcans e na península de Anatólia. Esse culto, similar ao da deusa **Cibebe** e de **Dionísio**, com quem se confunde, envolve a morte anual do deus, também patrono da cevada e da cerveja. **Coribantes** eram os dançarinos frígios dedicados ao culto de **Cibebe**, a antiga mãe dos deuses na Frígia, que dançavam armados e vestidos com capacetes. **Zagreu**, filho de **Zeus** e **Perséfone**, foi morto pelos **Titãs** e ressuscitado como **Dionísio**. Todos esses personagens têm a ver com o culto dos antigos Mistérios.

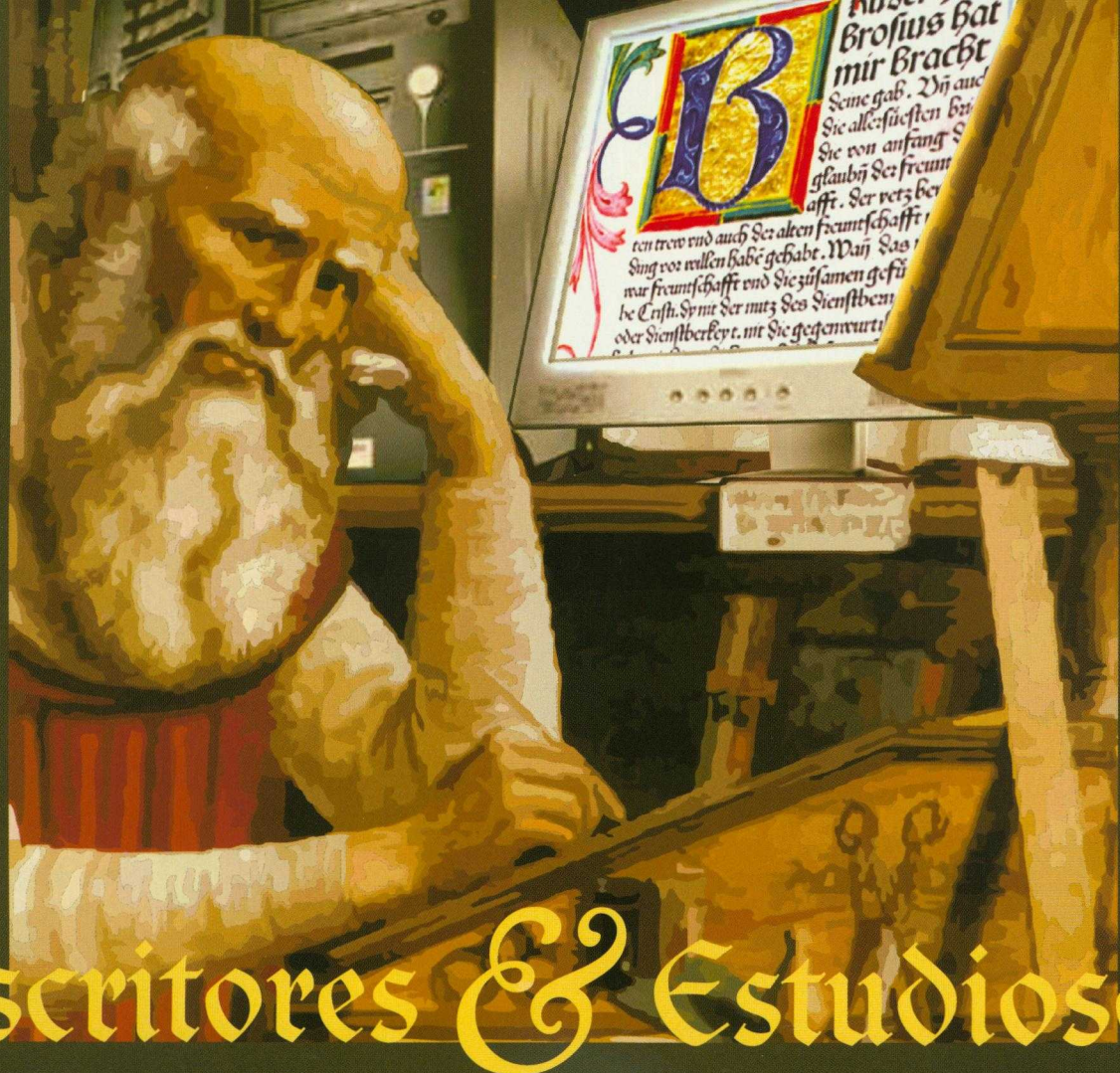
(2) **Tiaso** era a procissão, particularmente a comitiva do cortejo do deus **Dionísio**. No sentido que os adoradores do deus do vinho fossem levados ao êxtase pela bebida.

(3) **Órfico** é relativo aos crenças, mistérios, poesia e práticas relacionados a **Orfeu**, o poeta que desceu ao **Hades** em busca de sua esposa.

(4) **Cable-tow** é a tradicional corda ao redor do pescoço nas iniciações, mantida até hoje nos Ritos saxônicos.

(5) *Hitopadesha* são coleções de fábulas, em prosa e verso, escritas em sânscrito, com ensinamento sobre a arte de governar, destinadas aos jovens príncipes.



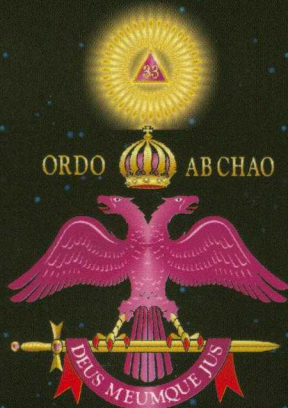


Escritores & Estudiosos

A Revista *Astréa* se propõe a ser o seu veículo em seus trabalhos sobre nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Por isto, a Grande Secretaria do Interior de nosso Supremo Conselho pede aos Irmãos que divulguem em seus Vales que as páginas da *Astréa* estão abertas a trabalhos de caráter filosófico e incentivem os Irmãos pesquisadores que submetam sua criação.

Continuamos a publicar os trabalhos selecionados de nossos Ill.: PPod.: IIR.:, como determinara nosso S.: G.: Com.:
Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º,
para que nossa *Astréa* retomasse o sonho de seu criador, o S.: G.: Com.:
Mário Marinho de Carvalho Behring.

Supremo Conselho do Grau 33 do
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil:
em amizade com todos
os Supremos Conselhos
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil
Tels: (+55 21) 3369-8000
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>